

AD 8927 14

REPÚBLICA PORTUGUESA

PROVÍNCIA DE ANGOLA — DISTRITO DA LUNDA

Operações militares

NAS REGIÕES

do Xinje e Lunda

Relatório do Governador
do distrito, Veríssimo de
Gouveia Sarmiento - -

Janeiro a Junho de 1906



* IMPRENSA NACIONAL DE ANGOLA *

* * * * * LOANDA — 1916 * * * * *

10
6927

REPÚBLICA PORTUGUESA

PROVÍNCIA DE ANGOLA — DISTRITO DA LUNDA

IMP LEG.

Operações militares

NAS REGIÕES

do Xinje e Lunda

Dispensa de registro

Relatório do Governador
do distrito, Veríssimo de
Gouveia Sarmiento - -



Janeiro a Junho de 1906



* IMPRENSA NACIONAL DE ANGOLA *
* * * * LOANDA — 1916 * * * *

CAPÍTULO I

Estado geral em que se encontrava o distrito em 1905 e em especial a região onde se deu a sublevação

No dia 5 de Fevereiro de 1905, cheguei a Malanje, de regresso da metrópole, fazendo escala pelas Ilhas Canárias, aonde se adquiriram dromedários, destinados a transportes no distrito. Apenas cheguei, informei-me, detalhadamente, das ocorrências havidas durante a minha ausência e do estado em que se encontravam todos os ramos de administração, para decidir quais as medidas que convinha adoptar, aproveitando os elementos de que podia dispor.

A fôrça armada continuava a enfermar pela falta de oficiais e sargentos e pela ausência de grande número de praças indígenas, em serviço noutros distritos, mencionadamente toda a 6.^a companhia, que ainda não tinha regressado da Huíla, aonde foi, em parte, dizimada.

Na minha passagem por Loanda, solicitei ao Ex.^{mo} Governador Geral para que algumas praças pertencentes a essa companhia, que já ali estavam, regressassem comigo a Malanje e não tivessem passagem a companhias doutros distritos, como estava projectado. Justifiquei o pedido, ponderando que, a não regressarem, haveria muitas dificuldades em realizar o recrutamento, que até então era em grande parte voluntário, e que seria difícil, talvez impossível, completar os efectivos indígenas das sete companhias do distrito, pela relutância e medo que o preto tem em sair da sua região.

Estas ponderações foram aceitas e, ao chegar a Malanje, foram mais uma vez confirmadas pelo Governador interino, que me declarou a dificuldade que havia em completar as companhias.

Com o regresso de Malanje das praças que comigo chegaram, e pelo conhecimento de que as que estavam ainda em Mossâmedes também regressariam, em breve essa dificuldade diminuiu, e em pouco tempo estavam quasi completos êsses efectivos.

O armamento e equipamento estavam em grande parte incapazes e em mau estado, mas, com a vinda do novamente adoptado, essa falta desapareceria.

Como a demora se prolongasse repetidas vezes, desde Março, ponderei os transtornos que a todos os serviços causava, solicitando a sua remessa.

Só em Novembro se recebeu a primeira, que foi distribuída a quatro companhias, ficando ainda três esperando o restante armamento; mas, até o presente, ainda não foi recebido. Creio que eram justificados os constantes e impertinentes pedidos, pelo empenho que tinha em prosseguir sem demora na occupação, não só para corresponder à dotação da fôrça armada do distrito, maior do que a dos outros da provincia, mas também para continuar a realizar o programa que há muito havia projectado, conseguindo já realizá-lo em grande parte, e tudo disposto para o seu prosseguimento apenas sejam facultados os elementos precisos e a devida ordem.

Faço esta declaração, por saber que é desconhecida por muitos a área de occupação efectiva já realizada, talvez por não ter tido publicidade na imprensa, e com detalhes, tudo que há feito, e como se tem conseguido: — tenho-me limitado sómente a dar conhecimento official; se bem que reconheça que não é o processo geralmente seguido, é possível que se o tivesse empregado não fôsse tam apedrejado êste distrito.

Vendo que no fim da época das chuvas, Maio, o armamento e equipamento não tinha chegado, o que me inibia de, em 1905, executar o plano de ocupar Cassanje, instalar ali a sede da 7.^a companhia, e prosseguir para Mona Quimbundo estabelecendo também lá a sede da 9.^a, resolvi, para não ser estéril em factos úteis o meu Govêrno nesse ano, que se fizesse o estudo da navegabilidade do rio Cuanza, principiando no seu afluente Quije, para depois se continuar com o dos rios Cambo, Lui e Cuango; neste sentido foi tudo preparado e disposto.

Nomeei para o desempenho dêstes serviços o alferes Eugénio Tôrres do Vale, meu ajudante, e o alferes José Veloso de

Castro nos quais reconhecia boa vontade, e os seus conhecimentos e aptidões completavam-se.

Os dois oficiais partiram em 7 de Julho, e pouco depois comunicavam-me que o rio Quije não dava navegação, e que o mesmo Cuanza, até as cataratas do Conde, a não dava também. Nestas circunstâncias, parti eu em 9 para essas cataratas, fazendo abrir o caminho até lá com uma largura não inferior a dois metros, substituindo assim o caminho gentílico por aquele, melhor e mais curto cêrca de dez quilómetros, por onde podem transitar carros.

Seguiram êsses oficiais Cuanza acima, em 21, desde as cataratas do Conde, e eu regressei a Malanje em 26, ficando quási completo o caminho e construídas no Conde algumas casas, um cais e estabelecida uma patrulha dum cabo e seis soldados.

Não me ocupo aqui dêstes trabalhos, por serem descritos em relatórios especiais ⁽¹⁾, que inspiram toda a confiança, pela competência e probidade com que foram feitos, estudos que muito convêm serem conhecidos.

Poucos dias me demorei em Malanje, marchando em 31 do mesmo, para o Sanza, por ter conhecimento de que o potentado Marimba Ngombe, o principal do Songo, estava bem disposto com a autoridade do pôsto, e resolvido até a pedir vassalagem, devido em grande parte aos bons officios dum abastado cultivador e negociante indígena, de nome José Joaquim Pacheco, o mulato mais sério e circunspecto que por aqui tenho encontrado: é muito respeitado pelo gentio, e atendidos os seus conselhos; utilizei, por isso, os seus serviços, aproveitando a oportunidade para chamar à nossa obediência êsse importante potentado, que as colunas do comando de Sales Ferreira, em 1850, e a do tenente-coronel Casal, em 1861, encontraram, nas suas terras, como o principal obstáculo à marcha para Cassanje obstáculo que venceram pelo fôgo, ficando contudo na retaguarda com um inimigo vencido mas não submetido.

Quando cheguei ao Sanza, apresentou-se o Pacheco, oferecendo-me os seus serviços. Em poucos dias veio o Marimba

(1) Vid. *O Cuanza desde Quibinda a Cumanga*, relatório dos alferes de infantaria Eugénio Tôrres do Vale e José Veloso de Castro.

Ngombe, por êle acompanhado, prestar o preito de vassalagem, e, por essa ocasião, entreguei-lhe, com todas as formalidades e aparato possível, a Bandeira Nacional; mais alguns sobas, durante a minha permanência ali, se avassalaram, e de tudo dei conhecimento superiormente.

Como desejava estar em Malanje no regresso dos oficiais que tinham ido fazer o estudo do Cuanza, não podia demorar-me mais no Sanza, e dali parti, a 10 de Agosto, para o pôsto militar do Xissa, informando-me dos caminhos para Cassanje e das disposições do gentio dessa região.

Depois da minha saída do Sanza, continuaram a avassar-se todos os sobas para leste do pôsto até Tala Mugongo, que dista do Sanza 17 horas de marcha, incluindo nessas vassalagens a do soba Cungue, que está no cume da cordilheira (Tala Mungongo).

Conseguiu-se, pois, por meios brandos e suasórios, a obediência e submissão de todos êsses sobas, o que representa a garantia duma importante comunicação para Cassanje, que dista de Tala Mugongo 27 horas de marcha, e portanto 44 do Sanza.

Não estabeleci logo um pôsto militar nas terras do Marimba Ngombe e outro em Tala Mugongo, porque a 9.^a companhia não tinha armamento oficiais nem sargentos precisos para as suas guarnições, esperando a primeira oportunidade para o fazer, por serem de manifesta vantagem para a ocupação de Cassanje e seguimento para Mona Quimbundo.

No Xissa, informaram-me dos caminhos para Cassanje e das disposições do gentio, que não se oporia a passagem das fôrças, porque os sobas mais importantes já se tinham avassalado e mantinham boas relações com o pôsto.

Nestas condições, fica também assegurada essa outra comunicação para Cassanje, até a cordilheira de Cahanje, que, mais para o sul, toma o nome de Tala Mugongo.

Do Xissa regressei a Malanje em 14, devendo informar que as comunicações entre Malanje e os postos do Sanza, Xissa e Catala se fazem por caminhos carreteiros, com sólidas pontes, obras de que não resultou dispêndio para a Fazenda, por serem executadas por praças dos postos, sem prejuízo do serviço, auxiliadas pela contribuição braçal do gentio, que é a única que actualmente satisfaz.

Em 30 de Agosto, chegaram do Cuanza os alferes Vale e Veloso, com o seu estudo feito.

Como em Setembro ainda não tivesse chegado o novo armamento, e não sendo já possível, por se avizinharem as chuvas, prosseguir na ocupação, conformei-me em só estabelecer os postos militares de Marimba e Tala Mugongo apenas chegasse o armamento.

Nestas condições, dei ordem para que os dois referidos oficiais partissem a 15 de Setembro para estudarem a navegabilidade dos rios Cambo, Lui e Cuango, e a 17 parti eu para o Luremo, aonde me devia encontrar com êles: aí, segundo as circunstâncias e condições do tempo, ou continuariam no estudo do Cuango para montante, ou regressariam a Malanje.

Cheguei ao Luremo a 28 de Setembro, seguindo o itinerário dos postos militares. O caminho de Malanje ao Quela está em condições de ser transitado por carros, havendo sómente necessidade de fortalecer algumas pontes que, pela sua natureza de provisórias, demandam amiudadas reparações.

Para leste dêste pôsto, pode o caminho dar também trânsito a carros, melhorando o actual, que não será de grande dispêndio, havendo contudo necessidade de, nos rios Lui e Cuango, construir jangadas que dêem passagem aos carros duma para outra margem; para êste fim, mandei já no Luremo cortar mafumeiras, destinadas à do rio Cuango.

Das fortificações existentes nos diferentes postos, algumas estão em estado regular de conservação, outras em mau estado:—estas, devido à negligência dos seus comandantes, salientando-se o pôsto do Luela, que, desde 1901 para cá, todos os comandantes da 6.^a companhia tem concorrido para o estado de abandono em que o encontrei; na minha passagem tive de fazer um traçado para novo reduto, que está bastante adiantado, porque o que estava começado era uma ofensa à fortificação.

Para as passagens de alguns rios existem barcos; no rio Cambo há duas chatas, uma que dá passagem em Paiva Couceiro e outra em Quibuco Ambolo, que estabelece a comunicação entre os postos de Banje Angola e Marimba; no Lui existe um batelão de madeira, que dá passagem para o pôsto militar; no Cuango há um batelão de ferro, que estabelece a comunicação entre os postos Infante D. Manuel e Infante D.

Afonso: no Cuanza há um bote de pouca quilha, destinado à passagem entre Luibamba e o Bié.

Actualmente, em Malanje, existe um barco de aluminium, destinado a futuros estudos de navegabilidade, uma chata de ferro destinada ao rio Cuango, em Tembo Aluma, e, finalmente, um escaler a vapor, que é destinado à navegação dos rios Lui e Cuango, desde as cataratas do Imperador Guilherme para montante, sabendo-se já que dá navegação até algumas milhas a montante do Luremo, havendo apenas necessidade de quebrar algumas pedras em dois rápidos de pequena importância; convêm prosseguir com êsse estudo de navegabilidade, que, segundo informações, parece sê-lo até uma grande distância.

É conveniente também que seja armado o escaler a vapor, mas é indispensável a vinda dum maquinista, que por vezes tenho requisitado.

Com excepção do escaler a vapor e barco de aluminium, fornecidos pelo Ministério da Marinha e Ultramar, todos os outros, em número de seis, foram adquiridos, os dois de ferro das oficinas das Obras Públicas e os quatro de madeira construídos em Malanje, sendo todos pagos pelas receitas das portagens cobradas nos rios Lui e Cuango, tendo dado entrada na Fazenda o excedente dessas receitas.

*

* *

Tomei a resolução de ir ao Luremo, não só para ali me encontrar com os alferes Vale e Veloso, mas principalmente para me certificar da expansão comercial para leste dêsse pôsto, e do que se dizia e constava dessa expansão, a fim de adoptar as convenientes medidas.

Tendo ouvido os esclarecimentos e opiniões dos comerciantes, deliberei seguir até Calungula, por me assegurarem que êsse potentado desejava um pôsto militar nas suas terras, o que me foi confirmado dias depois, por dois emissários seus, que dali vieram expressamente ao Luremo fazer-me êsse pedido em nome do seu soba.

No dia 6 de Outubro, veio ao Luremo visitar-me o potentado Nzovo, acompanhado de muito povo; declarou que era súbdito de sua majestade, e por isso que estava sempre pronto

a cumprir as ordens que o Govêrno lhe determinasse; que lhe constava que se ia estabelecer um pôsto militar na sanzala do Calungula, que aliás eram terras suas, mas que me avisava que êle era mau, o que mais tarde reconheceria.

O soba Nzovo é um velho agradável, demonstrando bondade e circunspecção; as suas terras estendem-se pelo território do Estado Independente, mas abandonou-as por ter sido por diferentes vezes maltratado e saqueado pelas autoridades do mesmo Estado; custando-lhe a abandoná-las, por ser nelas onde tinha a maior parte das plantas da borracha que explorava, o que presentemente mal podia fazer, porque, sendo pressentido, não só lha roubavam, mas ainda o maltratavam e à sua gente. Disse mais que, quando foram às suas terras os enviados do Estado Independente, e o de sua majestade, para fazerem a delimitação, supôs que lhe dariam ainda mais terras, além das que já possuía; mas que foi lesado nessa divisão, porque para o Estado Independente ficaram justamente as suas melhores terras, onde possui a maior parte da borracha, concluindo por dizer, em frase conceituosa, de forma gentilica, que *a resolução da maca não esteve bonito*.

*

* *

Durante o tempo que permaneci no Luremo, informei-me bem da forma e condições por que se fazia a permuta no interior; vi o que podia e convinha fazer com os elementos de que dispunha, e aguardava só a chegada dos officiais encarregados dos estudos de navegabilidade, que calculava fôsse, o mais tarde, a 10 de Outubro, a fim de lhes ordenar que continuassem êsses estudos para montante, e eu seguiria logo para Calungula, devendo no regresso encontrar-me novamente com êles no Luremo; como até 8 de Outubro não tivesse notícia da sua passagem pelo pôsto do Utunguila, resolvi seguir nesse dia para lá, num escaier a vapor da missão, aonde cheguei em 9, pelas três horas da tarde, tendo feito o percurso em catorze horas, sendo três por terra e onze pelo rio Cuango.

Ali tive conhecimento de que a guarnição do pôsto fronteiro do Estado Independente havia retirado há dias, e que já

há muito tempo todo o gentio dos seus arredores havia fugido, não podendo nessa ocasião saber as causas da retirada.

Ficando o nosso pôsto do Utunguila a pequena distância do de Tembo-Aluma, estabeleci as comunicações entre estes dois postos, por intermédio do pôsto militar de Quinhanga, ficando também estabelecida a comunicação entre o Luremo e Tembo-Aluma, por intermédio dos postos Mussuco, Utunguila e Quinhanga, cujo percurso se faz em três dias; servindo-me desta comunicação, mandei perguntar ao comandante de Tembo-Aluma se os alferes Vale e Veloso já ali tinham chegado, ou que informasse onde estavam, sabendo-o. Regressei ao Luremo, aonde cheguei a 14 de Outubro.

Cabe aqui mais uma vez informar que, actualmente, temos na fronteira com o Estado Independente os seguintes postos militares: Zangue Matanga, Tembo-Aluma, Quinhanga, Utunguila e Nzovo.

A 20 de Outubro, comunicou o comandante de Tembo-Aluma que o alferes Veloso havia chegado ali, e que o alferes Vale havia retirado de Marimba para Malanje, gravemente doente.

Dei ordem para Tembo-Aluma para que o alferes Veloso seguisse para o Luremo, e para Malanje que me informassem do estado do doente. Em 22 de Outubro parti para Calungula, com um segundo sargento e vinte e dois soldados, não me fazendo acompanhar por nenhum oficial, porque havia só uma companhia, que era o comandante; não convinha também ser acompanhado por maior número de praças, para não levar a desconfiança ao gentio, e suspeitar que se lhe ia fazer mal.

Parece que estava reservado o principio das chuvas para a minha partida, porque logo começaram a cair torrencialmente, sempre acompanhadas de perigosas e medonhas trovoadas.

A 25 cheguei à sanzala do soba Mona-Anguelo, na região Xinje, situada a três quartos de hora do rio Humba. As chuvas torrenciais, que continuavam a cair, avolumaram as águas desse rio, por forma que cobriram as passagens, que eram formadas por compridos paus, mal firmados nas margens e mal ligados entre si; havia duas dessas passagens, porque o rio se divide em dois braços, formando uma ilha, e era o único ponto em

que se podiam estabelecer, o que verifiquei, pelo reconhecimento que fiz para montante e jusante, até grande distância; e, por isso, era forçada a passagem nesse ponto.

Foram mais tarde substituídas essas passagens por duas pontes sólidas e garantidas, aproveitando-se árvores de grande porte que havia junto às margens, ficando uma delas com vinte e cinco metros de comprimento e três de largo, e a segunda com treze metros de comprimento e a mesma largura, mas demandando, contudo, amiudadas reparações.

Fui forçado a estacionar, de 25 de Outubro a 3 de Novembro, na sanzala do soba Mona-Anguelo, não só por causa das chuvas, como para fortalecer as passagens gentílicas, e nesse dia 3 parti para Calungula, deixando ficar no Huamba um cabo e dez soldados, para que, conjuntamente com a gente do soba, procedessem ao corte de madeiras para as pontes, seguindo eu para Calungula acompanhado apenas dum sargento e doze soldados. O gentio das sanzalas, que encontrei pelo caminho, recebeu-me muito bem, ficando tranqüilo por ver que levava poucos soldados, e que portanto não ia para lhe fazer mal, opinião contrária a dalguns brancos do Luremo, que classificaram até de temerária a minha ida a Calungula com tam poucos soldados.

No dia 4, pela tarde, cheguei a Calungula, aonde fui recebido por alguns comerciantes brancos, que ali estavam.

Em 5, veio cumprimentar-me, em nome do potentado Calungula, um macota seu, pedindo desculpa de não vir pessoalmente o mesmo potentado, porque esperava que mais gente sua se reunisse, para vir apresentar-se.

No dia seguinte veio o potentado, trajando fato de gala e respectivas insignias, montado aos hombros dum alentado preto (Quimangata), e seguido de numeroso povo.

É o Calungula um preto de pequena estatura, magro, olhar vivo, irrequieto, movimentos agitados e nervosos, apresentando, contudo, bonhómia; mas, a menor contrariedade, transforma-se completamente, em convulsões descompostas e olhar felino, como fera em jaula, revelando então o seu temperamento mau e sanguinário, sentenciando, sumária e bárbaramente, aquele ou aquelles que ousaram contrariá-lo.

Em seguida aos cumprimentos, agradeceu-me o ter satisfeito o seu pedido de vir às suas terras estabelecer um pôsto militar

perto da sua sanzala; «que tinha mais coisas a pedir-me, mas que ficavam para outra vez, que agora, só trazia a minha comida, que consistia num porco e farinha de mandioca»; agradei o presente, e, em retribuição, mandei dar-lhe um garrafão com aguardente: pediu vinho com açúcar e bolachas para êle, pedido que satisfiz, declarando que não bebia aguardente, que essa era para a sua gente; despediu-se, e voltou para a sua sanzala com o mesmo cortejo.

Em seguida à visita do Calungula, veio visitar-me um bângala, de nome Muriquirique, que estava alojado na sua sanzala, aguardando a chegada duma comitiva, de que era chefe, que tinha ido ao Pende comprar borracha.

No dia seguinte, veio um enviado do Calungula dizer-me que o soba pedia para conversar a sós comigo, e que apenas o acompanhavam os seus principais macotas.

Pouco tempo depois, veio o potentado, e, além dos seus macotas, vinha também o bângala Muriquirique; repetiu os agradecimentos da véspera, e pediu para que o pôsto ficasse muito perto da sua sanzala.

Contou-me que o falecido Calungula, seu tio, habitava na margem direita do rio Lôvoa, e que essas terras lhe pertenciam, mas que os quiôcos, depois duma grande guerra, o haviam expulsado e à sua gente, e que êle havia ali sido ferido gravemente num braço, como provava pela cicatriz que mostrou.

Que tendo seu tio retirado com a sua gente para cá do rio Cuango, tivera nova guerra com o potentado Nzovo, de que resultou a morte de seu tio, ficando êle o sucessor; que, por estes motivos, precisava vingar a morte de seu tio e, bem assim, recuperar, as suas antigas terras, hoje em mão dos quiôcos; pedia, portanto, que os soldados de sua majestade o ajudassem nessas guerras.

Disse-lhe que os soldados de sua majestade não vinham para fazer guerra a ninguém, e só vinham trazer a paz e garantir a felicidade e prosperidade de todos; que só faziam guerra àqueles que cometessem crimes e não obedecessem às ordens da autoridade; no entanto, se algum soba seu subordinado não quisesse obedecer a essas ordens, que lhe seriam transmitidas por intermédio dêle, então lhe daria soldados, para que, acompanhados da sua gente, o castigassem. Mudou o soba repentinamente de semblante, deixando transparecer a

má impressão que lhe tinha causado a minha resposta; supus uma rutura de relações, que podia prejudicar o meu plano; mas, depois dum momento de silêncio, declarou-me, em tom solemne e orgulhoso, que, para se fazer obedecer dos seus subordinados, não precisava do auxílio dos soldados; para acalmar tamanha fúria, mandei servir-lhe vinho com açúcar e bolachas, e aguardente aos sobas, expediente que deu resultado.

De facto, não precisava o Calungula de soldados para se fazer obedecer dos seus subordinados, porque o regime de tirania que adoptava, e para o que dispunha de execrands exactores, que sumária e bárbaramente cumpriam os seus mandatos, espalhou o terror numa grande área, e assim conseguiu o grande prestigio que gozava; e devo confessar que não vi ainda outro soba mais temido e respeitado; no entanto, reconhecia êle próprio que não podia, nem subjugar o potentado Nzovo, nem os quiôcos que lhe usurparam as terras.

É evidenté e incontestável que o empenho em pedir o pôsto visava sómente o poder contar com os soldados para o auxiliarem contra os seus inimigos, mais fortes.

Depois de trançuílo e pacificado, expus-lhe as obrigações em que ficava com o Govêrno, para ser considerado como amigo, e, assim, conseguiria, para si e para a sua gente, tudo o que fôsse justo e razoável.

Pedi-me insistentemente a Bandeira Nacional, pedido que já havia feito na primeira visita, alegando que o soba Nzovo, seu inimigo, já há muito tempo possuía uma; disse-lhe que lhe seria dada oportunamente.

Era imprudente entregar-lha, sem conhecer bem as suas intenções, porque seria expor o símbolo da Pátria à contingência duma afronta: de facto, poucos dias depois, principiei a desconfiar dêle, no que não me enganei.

Voltou o potentado no dia seguinte, acompanhado dos seus macotas e do bângala, a pedir-me que desse ordem aos comerciantes que tinham estabelecimentos de permuta para além da sua sanzala até o Cuango, e mesmo os que estivessem para além dêsse rio, que viessem estabelecer-se todos perto da sua sanzala, porque não podia responsabilizar-se com o Govêrno pelos roubos e maus tratos que pudessem sofrer, porque os donos das terras onde essas casas estavam não eram seus subordinados.

Além de ser falsa a razão que alegava, era também cavilosa: falsa, porque todos os sobas até o Cuango lhe obedeciam cegamente; cavilosa, porque não só evitava a expansão comercial para o interior, pretensão constante dos bângalas, com quem mantinham boas relações, mas principalmente porque advinham para êle maiores lucros.

Retirando as casas comerciais para junto da sua sanzala, disporia êle soberanamente do negocio trazido pelo gentio, porque todas as comitivas teriam, segundo os seus usos e costumes, de pedir-lhe licença para negociar; essa licença era sempre cara, e, concedida ela, era a comitiva acompanhada por enviados seus, que a distribuíam pelas diferentes casas comerciais, e, é claro, a casa mais favorecida era a que mais presenteasse o soba.

Respondi ao seu novo pedido que bem sabia êle que havia já para diante da sua sanzala muitas casas comerciais, e que todas as fazendas e mais artigos tinham sido acompanhados por enviados seus, para não serem roubados no caminho, serviço êste que os comerciantes lhe haviam pagô.

Explorei o seu orgulho, dizendo-lhe que já sabia que todos os sobas até o Cuango lhe obedeciam, e não contrariavam as suas ordens; deu resultado êste expediente, porque logo se comprometeu a continuar a fornecer enviados aos comerciantes; ficou, pois, combinado e assente que continuariam sómente as casas estabelecidas em Xamuenari, Xaximbaxe e Cambuanje.

Foi êste compromisso que comuniquei a todos os comerciantes, aconselhando-os, contudo, que era prudente, para garantia dos capitais que estavam a seu cargo, que retirassem para Calungula, porque era só até ali que as fôrças do Govêrno lhe podiam prestar auxilio e, a não procederem assim, teriam que sujeitar-se às contingências do compromisso do soba; preferiram, contudo, continuar a servir-se dos enviados do Calungula, sujeitando-se às consequências da falta dêsse compromisso.

Disseram alguns que eu havia garantido os seus haveres até o Cuango: é falso, porque os factos deram-se como acabo de expor; Calungula faltou ao compromisso que tomou com o Govêrno, era dever do Govêrno castigá-lo severamente: foi o que se fez.

Depois de terminar a última conferência com o soba, convidou-me para ir à sua sanzala, convite que aceitei.

A sanzala ocupava uma espaçosa área, com grande numero de cubatas bem feitas, mas dispersas sem ordem: a meio, havia o recinto vedado do soba, com uma grande cubata ao centro, ladeada por outras dispostas com certa regularidade, das suas mulheres e família; à entrada desse recinto, havia duas grandes casas fronteiras e isoladas das outras, destinadas às execuções e sacrifícios, segundo me informaram, o que parece ser verdade, porque, depois de incendiada a sanzala, foram encontradas, no lugar onde existiam, bastantes ossadas.

Era com tal sistema e processos que Calungula conseguiu um tam notável prestígio.

*

* *

Estava naturalmente indicado que o pôsto a estabelecer devia ser um pôsto forte de ocupação, não só para resistir a qualquer ataque ou desacato do gentio, mas também para impor a submissão, e o consequente prestígio.

Tratei logo de escolher o ponto mais conveniente, e nas melhores condições estratégicas, para a construção dum reduto, fazendo o seu traçado e perfilamento.

Estava bem longe de supor, nessa ocasião, que seria eu quem mais tarde viesse a dirigir a sua construção e acabamento.

*

* *

A 11 de Novembro, sete dias depois da minha chegada a Calungula, apresentou-se a fôrça que devia constituir a guarnição do pôsto, composta dum oficial, dois cabos, um corneteiro e quarenta e nove soldados, não trazendo sargento, por não o haver na companhia, porque o que tinha vindo comigo ficava comandando o pôsto do Huamba, cuja guarnição era dum sargento, um cabo e catorze soldados. Dei em seguida ordem para o Luremo para que viesse reforçar a guarnição de Calungula a peça de montanha de 7^{cm}, e municuada com 100

tiros e com a respectiva guarnição, ficando, portanto, este posto com o efectivo total de cinquenta e seis homens.

Pus ao facto de tudo que se tinha passado com o Calungula o tenente Carvalho, que ficava comandando o posto, prevenindo-o de que suspeitasse d'ele, para o que devia seguir passo a passo o seu procedimento, usando, contudo, de muita ponderação e prudência, sem prejudicar a necessária energia e decisão, que cimentam o prestigio.

A guarnição do posto era a bastante para com facilidade repelir qualquer surpresa, como para impor a nossa soberania.

Recomendei-lhe muito especialmente que abreviasse quanto possível a construção do reduto, para maior garantia e segurança, e que reprimisse de pronto qualquer abuso praticado por negociantes europeus para com o gentio, porque era provável que, escudados na força e no prestigio da autoridade, os cometessem em maior escala.

Disse-lhe, por último, que, como desconfiava do procedimento futuro do soba, não lhe aceitasse a vassalagem, nem muito menos lhe entregasse a bandeira, o que só faria depois de reconhecer que o potentado cumpria os seus compromissos, e que era manifesta a sua submissão.

Resolvi, no dia 16, retirar de Calungula, o que mandei comunicar ao soba, e no dia 15 veio despedir-se de mim, confirmando os seus protestos de amizade e o cumprimento dos compromissos que tinha tomado.

Os pretos, por vezes, são verdadeiros diplomatas, mantendo uma correção e linha que alguns brancos sacrificam a interesses egoístas e a paixões condenáveis.

Successos posteriores vieram confirmar as minhas apreensões e suspeitas.

A principal causa dos acontecimentos havidos cabe, sem dúvida, áqueles que, sem atender ás eventualidades previstas e prováveis, se internaram, para negociar por qualquer forma. E' fácil, e impõe coragem, administrarem-se capitais alheios, e não pareça gratuita esta asserção, porque basta salientar o facto de que três das muitas casas comerciais estabelecidas além Cuango não sofreram o menor prejuízo com a sublevação, pela simples razão de que eram administradas pelos próprios capitalistas.

Como abordei o assunto de como é feito o comércio no

interior, seja-me permitido, ainda que pela rama, dizer alguma coisa do que vi e sei, e como o sinto.

É dever informar superiormente, com lialdade, de factos que podem ser desconhecidos, para se tomarem as medidas que fôrem julgadas precisas e convenientes.

A emigração da metrópole, em geral, enferma pela ignorância dos emigrantes, na grande maioria analfabetos, e alheados aos mais rudimentares princípios do dever.

Os que emigram para as Américas e outros pontos, não estando em condições de se poderem adaptar à civilização e progresso dêsses povos, vêem-se forçados a trabalhar nos serviços mais rudes e grosseiros, que são justamente os menos remunerados, e assim uns, a maior parte, regressam pobres e doentes às suas terras, outros, ao cabo dalguns anos, conseguem juntar uns centos de libras, mas regressam igualmente doentes, e finalmente muito poucos conseguem uma relativa fortuna: é êste o resultado triste de a maioria dos nossos emigrantes só estarem em condições de ser aproveitados em serviços árduos, que os colocam, moralmente, ao lado de coolis e dos negros.

Estudando agora a emigração para a nossa África, é forçoso dividi-la em dois grupos: um, dos analfabetos ou quasi analfabetos, o segundo, por indivíduos de relativa instrução, e alguns até de muito boas famílias. Este grupo vem explorar o emprêgo. Uns encontram colocação em companhias ou casas comerciais, outros vem já colocados da metrópole, para diferentes empregos públicos, e sôbre os seus serviços e aptidões poderão informar os chefes sob cujas ordens servem, e finalmente, os que não vem da metrópole já colocados trazem na sua bagagem, como melhores documentos, muitas cartas de recomendação, endereçadas ao alto funcionalismo e pessoas de categoria da província. Visam estes, em geral, chefados rendosos, que de antemão já conhecem, para os solicitarem. Confiados no valor das suas protecções, brandura dos costumes, e principalmente por saberem que abusos ou faltas que possam cometer, mesmo que se lhes façam sindicâncias e se lhes levantem autos, são êsses processos lançados na sepultura funda dos arquivos, o que, na verdade, é incentivo e convite para faltas mais complexas; às vezes, alguns, até fazem melhor carreira: por estes motivos, entram nesses cargos animados das melhores esperanças, e são bem sucedidos por vezes.

O grupo emigrante constituído pelos colonos analfabetos ou quasi analfabetos destina-se: uns, à agricultura, e succede-lhes o mesmo que aos que emigram para o Brasil; outros, entram no comércio como empregados, — se são espertos e ladinos, em pouco tempo seguem para o interior a administrar e dirigir sucursais, ou vão como aviados, recebendo créditos em pacotilhas, às vezes importantes, e à mercê da sorte, principiar a negociar em liberdade; os que conseguem lucros e economias importantes, é quasi certo que são, de futuro, os sócios das casas que serviram.

Deve dizer-se que nenhuma casa comercial exige dos empregados que são admitidos o menor conhecimento ou prática de comércio; não é preciso, porque o negócio, como é feito no interior, só aqui se aprende, é peculiar e exclusivo.

Principiam os novos empregados por aprender a forma como se faz o negócio com o preto, tendo por base o engano, e, simultâneamente, por ser indispensável, aprendem a língua, depois do que estão nas condições de avançar para o interior.

Ali chegados, aperfeiçoam-se, imitando os seus colegas vizinhos na cambolação e outros abusos, fazendo-lhes uma competência desesperada, à custa dos seus patrões, mas conseguem o título, que muito desejam, de bons permutadores, título que lhes dá maiores créditos e mais latitude para negociar; mas são precisamente estes que, nas contas do fim do ano, dão maiores prejuízos aos patrões. Os mais corajosos avançam sózinhos, no intuito de fazer maior permuta, e ali sujeitam-se até a ser esbofeteados pelos negros, ultrajes que provocam, porque, tudo que é nobre sacrificam à ganância.

Não cabe na índole dêste trabalho relatar indignos e vergonhosos abusos cometidos por tais comerciantes; deve só dizer-se que, muitas vezes, são a causa de sublevações e revoltas do gentio.

Parece que tais colonos, comerciantes, deveriam ensinar ao preto o pouco de bom que sabem, aconselhando-o ao procedimento do bem, dando-lhe o exemplo; mas, bem ao contrario, são êles que se adaptam aos usos e costumes do gentio, e excedem-o nos seus vícios e torpezas, que o clima favorece, não o imitando, contudo, no acatamento e respeito pela autoridade.

É evidente que colonos desta ordem, lançados num meio

selvagem, são um péssimo elemento de colonização e vergonhoso exemplo para o preto.

Há anos, um notável e benemérito missionário, que encontrei a leste do Cuango, disse-me que naquela região deviam ter permanecido ou passado muitos portugueses, porque os pretos proferiam muitas palavras portuguesas; como era missionário português, respondi-lhe que já havia notado o mesmo e que, na verdade, as palavras por eles proferidas eram precisamente as do nosso vocabulário mais obscuro, como também certamente teria notado.

É triste sermos surpreendidos com factos desta ordem, que só atestam o baixo estôfo dos colonos a quem é permitido internar-se e fraternizar com o negro.

Isto não é colonização, é um cúmulo de dissolução, porque tais colonos vão levar a meios primitivos e selvagens o germe nocivo e prejudicial à civilização e progresso.

O que acabo de expor é a síntese de inúmeros factos colhidos *in loco*.

Preguntar-se há porque, sendo eu a primeira autoridade e conhecendo tais factos condenáveis, não procedo e não os reprimo; responderei que, por minha parte, os tenho sempre reprimido dentro da lei, mas as leis da metrópole são deficientes, por não preverem casos e circunstâncias anormais, aqui vulgares, e não bastam para certa gentilha que povoa o interior.

É tam difícil à autoridade conseguir a prova jurídica dum facto criminoso, quanto é fácil levantarem-lhe as maiores calúnias, e, se preciso fôr, engendrarem a prova jurídica. Crimes tem havido em que a autoridade administrativa, a muito custo, tem conseguido essa prova, mas que, transitando para o poder judicial, aparece qualquer circunstância ou nulidade e o processo vai para a sepultura dos arquivos, para satisfação e gáudio dos criminosos e desprestígio do poder administrativo que não supre o judicial.

O decreto de 16 de Julho de 1902 teve certamente em vista dar fôrça à autoridade administrativa nos concelhos do interior, aliás indispensável, mas, pela interpretação que lhe vão dando, está essa fôrça reduzida, a ponto mesmo de originar anomalias. Opinam uns que o juiz instrutor não pode nunca aplicar a pena de prisão a europeus, e só multas, quando

é certo que, na metrópole, por iguais delitos que aqui se possam cometer, é aplicada essa pena; mais ainda: por um delito cometido por um europeu em Ambaca, mas julgado pelo juiz de direito da comarca, pode êste aplicar-lhe a pena de prisão; porêm, se êsse mesmo indivíduo cometer o mesmo delito em Malanje, e que esteja na alçada do juiz instrutor, êste não lhe pode aplicar a pena, que lhe podia ser aplicada em Ambaca; é bem frisante esta anomalia, e o decreto de 16 de Julho não se pode prestar a semelhante interpretação; no entanto, são as instruções que tem o juiz instrutor de Malanje.

Diz mais o decreto de 16 de Julho que a sentença do juiz instrutor, em julgamento de processo sumário, não admite recurso; no entretanto, a comarca tem mandado admiti-lo.

Entendo que êste decreto é preciso e indispensável nos concelhos do interior; mas, devidamente interpretado, porque será uma fôrça para a autoridade; não ficarão impunes tantos crimes, e será mais respeitada essa autoridade por aqueles que nada respeitam. Julgo também indispensável que, no mesmo decreto, se imponha severa pena e toda a responsabilidade ao juiz que prevaricar e abusar da autoridade.

Devo declarar que tenho o maior respeito pelo poder judicial e pela isenção dos seus magistrados, mas lembro que muitas vezes a comarca de Ambaca, que é a do distrito, está nas mãos de curiosos, interinos, sem as precisas habilitações judiciais, e parece que, por êste e outros motivos, continua a curso a lendária fama de *Justiça de Ambaca*.

*

* *

Tendo ficado no pôsto militar de Calungula a bastante guarnição, não só para garantir a sua segurança, mas ainda para impor e manter o prestígio da autoridade, e tendo dado ao comandante do pôsto instruções pelas quais se devia regular, não só com o gentio mas também com os comerciantes europeus, retirei de Calungula a 16 de Novembro e cheguei a Malanje a 4 de Dezembro, ficando aberta e assegurada a comunicação entre Malanje e Calungula, uma importante linha de penetração comercial.

CAPÍTULO II

Medidas que se adoptaram para sufocar a sublevação e castigar o gentio rebelde. — Sua execução e justificação

Neste capítulo vai em grande parte transcrita a correspondência dirigida ao Quartel General da provincia, para que Sua Ex.^a o Conselheiro Governador Geral tivesse conhecimento de tudo que havia sucedido, e as medidas logo adoptadas, para se proceder em harmonia e com o critério de Sua Ex.^a, approvando ou alterando o já feito, ou ordenando o que mais tivesse por conveniente.

*
* *
*

De regresso de Calungula, cheguei a Malanje, a 5 de Dezembro, bastante debilitado, porque, tendo feito marchas quasi ininterruptas, desde 9 de Julho, e bastante custosas as feitas em Outubro e Novembro, por ser a época intensa das chuvas, precisava retemperar-me, pelo menos, com um descanso relativo; assim o projectei, tencionando solicitar autorização para me ser permitido ir até Mossâmedes, ou uma torna-viagem à outra costa.

Não permitiram, porém, as circunstâncias satisfazer esta necessidade; o dever prima a tudo, e, em África, o trabalho feito com vontade é tónico e um auxiliar valioso dos sais de quinino; não tive quasi até final incómodo de maior, acreditando também que contribuiu a tensão de espirito em que me mantive; só na minha última retirada para Malanje, em Agosto último, é que sofri violentos acessos febris, sentindo uma grande depressão física e mental, o que aliás não é para estranhar, por-

que, como acima digo, iniciei essas marchas em 9 de Julho de 1905, e só terminaram em 7 de Agosto de 1906, marchas pouco intervaladas, e nas condições em que se fazem no interior de África.

*

* *

A 16 de Dezembro, recebi em Malanje comunicações do comandante do pòsto de Calungula, informando-me que em poucos dias lhe entregaria a bandeira, e, por essa ocasião, prestaria vassalagem, porque, em harmonia com as instruções que lhe tinha dado, reconhecia que o potentado obedecia completamente às ordens da autoridade, e continuava a manter os compromissos que tomou.

Quatro dias depois desta comunicação, participava o comandante do Luremo a sublevação do gentio Calungula e o ataque ao pòsto.

Na verdade, veio surpreender-me tal notícia, porque supunha que o potentado se havia identificado com os seus compromissos, que, além de tudo, não lhe eram desvantajosos, se bem que desconfiava dêle, como já referi.

Tomei imediatamente todas as providências que as circunstâncias impunham, principalmente, a urgência dos socorros e auxílio de que carecia a região entre Cuango e Cuengo.

Logo a 22, marchava de Quela uma fôrça de um oficial e cinqüenta praças da 6.^a companhia, com destino ao Luremo e Calungula com as devidas instruções.

A 26, marcharam dois canhões de tiro rápido, destinados um ao pòsto do Quela e outro ao do Quinzunzo.

A 28, marchou outra fôrça da 9.^a companhia, com dois oficiais e setenta e oito praças, com o mesmo destino.

Finalmente, a 10 de Janeiro, marchei eu, acompanhado por dois oficiais, e uma fôrça da 5.^a companhia, de cinqüenta e nove praças, e com o pessoal que devia constituir a coluna.

A 20, cheguei ao Luremo, e a 21 organizou-se a coluna respectiva.

A organização foi feita no Luremo, segundo os elementos de que tinha podido dispor, e nela se nota a deficiência de oficiais e sargentos; no entretanto, presidiu a essa nomeação,

resistência ao clima, zêlo e boa vontade já manifestados em outros serviços, e ainda conhecerem e serem conhecidos das praças que comandavam; todos que foram sujeitos a esta escolha cumpriram.

Os que fui encontrar, tenente Alfredo de Azevedo Alpoim, comandante interino da 8.^a companhia, um doente, e talvez por isso com pouco zêlo e vontade e poucas faculdades de comando; o tenente Marcelino José Alves, comandante do posto de Huamba, igualmente um doente, não podia contar com êle para os serviços árduos de campanha; e, finalmente, o tenente João Dias de Carvalho, que, sendo resistente e manifestamente um destemido e valoroso, é, contudo, bastante abstracto; o alferes Lopes da Silva, que comandava as praças da 6.^a companhia, foi poupado quanto possível, por sofrer duma apendicite.

Os oficiais idos de Malanje, alferes Manuel José Pereira, Manuel Joaquim Ramos Coelho, Miguel Francisco Vidal e António Amado, todos com boa vontade cumpriram, acumulando serviços e multiplicando-se. O alferes Ramos Coelho, que desempenhava interinamente o cargo de Chefe do Estado Maior, apenas chegou a Calungula foi acometido por uma grave biliosa, que muito o debilitou; no entretanto, os serviços a seu cargo foram desempenhados pelo alferes Vidal, ajudante da coluna, que já acumulava com o de Chefe dos Serviços Administrativos.

Por tudo que acabo de expor, que V. Ex.^a praticamente bem conhece, poderá avaliar as dificuldades com que se lutou: não é encarecer serviços, porque faz o que deve quem faz quanto pode.

Durante os dias que estive em Malanje, em seguida à comunicação da sublevação do gentio de Calungula, propalaram-se boatos alarmantes e exagerados, que aliás não é para estranhar em tais circunstâncias.

Diziam que os capitais além Cuango montavam a mais de 600 contos, quando é certo que não excediam 400, como fui informado no Luremo pelos comerciantes, quando ali estive em Outubro.

Constava que os europeus estabelecidos nos pontos comerciais, em tórno de Calungula, haviam sido massacrados, e que os roubos montavam a mais de 200 contos, quando é certo

que só três foram assassinados, do que se deu conhecimento para a Administração do Concelho de Malanje, e os roubos não passaram de 70:827#895 réis, quantia que foi feita boa, aproveitando-se as contas apresentadas pelas casas saqueadas; mas, pode afoitamente dizer-se, que ficariam reduzidas a réis 50:000#000 se lhe fôsem feitas as justas e devidas reduções, nas percentagens e mais despesas, com que são sobrecarregadas as fazendas e mais artigos, desde Lisboa e casas sucursais por onde transitam.

Cabe-me neste ponto informar que diferentes casas comerciais receberam fazendas e mercadorias na importância de 56:802#399 réis, que já reputavam perdidas, e, devido, à prontidão dos socorros, evitou-se êsse importante prejuízo, que na ocasião reconheceram.

Propalou-se também que os bângalas auxiliariam o gentio revoltado, atacando alguns postos do itinerário para Calungula, principalmente os para leste do Quela, e do seu auxílio poderia resultar um desastre para as fôrças do Govêrno.

Era crível que os bângalas auxiliassem o gentio, porque todo o avanço na nossa ocupação, mencionadamente para a fronteira norte, os contraria e prejudica, por quererem só êles ser os intermediários na compra da borracha ao norte da Lunda, nas regiões dos lundas e quiôcos e ainda na do Pend e Lubuco, pertencentes ao Estado Independente, onde vão comprar grandes porções, acompanhados por comitivas de maxingues e até dos mesmo lundas e quiôcos, que depois, a título de os apresentarem nas casas comerciais, lhes exigem grandes pagamentos por êsse serviço; é natural que assim pensem os bângalas, porque, na verdade, é o gentio mais negociador e esperto, e a isso se vêem forçados, porque a região que habitam, bacia do Lui e Cuango, é pobre, e apenas lhe dá os géneros para a sua alimentação, a menos que no subsolo não haja tesouros ignorados.

Nestas circunstâncias, impunha-se toda a atenção para a hipótese do auxílio dos bângalas; assim, apesar de pedir à 7.^a e 9.^a companhias contingentes de fôrça para a coluna, ficaram respectivamente no Xissa e Sanza 91 e 61 homens, para qualquer eventualidade vinda de Cassanje.

Reforcei os postos de Catala, Ndala Quinguangua, Cambo e Quela, e os para leste dêste ficaram guarnecidos por foram

que não só asseguravam as comunicações, mas resistiam a qualquer ataque.

Devo aqui informar que mandei ficar no pòsto militar do Lui um maior número de munições, porque era minha intenção, no regresso de Calungula, que não supus demorasse tanto, seguir dali directamente para Cassanje, pela margem direita do Lui, com a fôrça que regressava de além Cuango, e, cooperando simultâneamente com outras duas colunas, ainda que menores, que partiriam respectivamente do Xissa e Sanza, com o mesmo objectivo Cassanje. Essas três colunas seguiriam por itinerários conhecidos.

Referi-me a êste assunto no meu officio n.º 336, de 10 de Abril, dirigido à Secretaria Geral, pedindo apenas que fòsse dada ordem para regressarem as praças em serviço noutros distritos, e os indispensáveis officiais e sargentos, pertencentes ao efectivo do distrito; porêm, não me foi dado pôr em execução êste plano, e, pela segunda vez, ficou gorada a occupação de Cassanje, resignando-me a aguardar outra oportunidade, se as faculdades acompanharem os desejos; mas as esperanças são fôrças, e irei ainda até onde puder.

*

* *

Impunha-se a urgência do auxílio e, portanto, a organização da coluna.

Houve em especial atenção o transporte de munições e a manutenção da coluna, e, como sempre, atendeu-se à possível economia para a Fazenda; em vez de angariar carregadores, que também não era fácil conseguirem-se de pronto, utilizei o serviço de 13 praças de 2.^a linha, 47 da 7.^a e 9.^a companhias, e 10 dromedários; estes animais continuaram a prestar bom serviço, como já haviam prestado em 1903 à coluna que operou nas regiões da Jinga e Holo, vencendo difíceis obstáculos, transpondo com facilidade importantes linhas d'água, como as do Luache e Cambo, contra a suposição de muitos que julgam que êsses animais só servem em países arenosos.

Para destruir tais suposições, bastará dizer que a região donde vieram (Ilhas Canárias) é muito acidentada e o terreno pedregoso, com muitos seixos e silicato de ferro em cas-

calho; portanto, vindo êles para esta província, melhoram em muito.

Ainda sôbre êste assunto, permittia-se-me informar que no *Trabalho Rural Africano*, de Sá da Bandeira, se lê que «no ano de 1839 foram transportados das Ilhas Canárias para Angola alguns camelos dos dois sexos, os quais ali se deram bem, enquanto foram bem tratados, e reproduziram-se. Com êles estabeleceu o Governador Pedro Alexandrino da Cunha um serviço regular de transportes, entre a cidade de Loanda e Calumbo, na margem do rio Cuanza. Depois da retirada dêste zeloso funcionário, descuidaram-se do tratamento daquelles animais, a ponto de morrerem todos. Assim se perdeu um ensaio, que poderia ter sido de grande utilidade para a colónia».

Já o Marquês de Sá da Bandeira, nessa época, previu a grande utilidade que podia resultar para a colónia com o ensaio então feito, o que agora está confirmado, pelos excellentes serviços que tem prestado no distrito; mas é preciso que não se descuide o seu tratamento, como então se descuidou, pela retirada do Governador Pedro Alexandrino.

Os serviços últimamente prestados pelos camelos à columna de operações, não só transportando material de guerra, como cargas diversas, e pelos já prestados à columna de operações na Jinga e Holo, a que atrás me referi, vencendo nestas últimas operações todos os obstáculos com facilidade, e igualmente atravessaram importantes linhas d'água, como as dos rios Lui e Cuango, sem nenhum inconveniente, entendi que se devia regulamentar a forma de transportar o material de artilharia e respectivo municiamento, para o que está regulamentado para as peças B E M 7^c m/82, instruções que submeti à apreciação e aprovação de Sua Ex.^a o Conselheiro Governador Geral.

Cumpre-me por último informar que os catorze camelos últimamente adquiridos nas Ilhas Canárias custaram, postos em Malanje, 2:800.7000 réis, e até hoje tem feito o transporte de cargas na importância de 3:765.7406 réis, havendo, portanto, um saldo sôbre o seu custo de 965.7406 réis.

Informo mais que dêstes catorze camelos morreram três, devido a descuido no tratamento, pela incompetência dos ferradores nas doenças aliás vulgares dêstes animais.

Por êste motivo se impõe a vinda dum veterinário para

êste distrito, porque, além de ficar a seu cargo o tratamento dos camelos e solípedes do Estado, há muito gado muar e bovino de particulares que algumas enzootias tem dizimado em grande quantidade, o que não sucederia se houvesse um pe-rito.

Para suprir a falta dos três camelos que morreram, nasceram já outros três.

Estes factos confirmam mais uma vez a vantagem que há na utilização do camelo como meio de transporte em África, assunto que de há muito venho advogando.

CAPÍTULO III

Relatório das operações efectuadas, seus efeitos e resultados.— Recompensas

Como fica dito no capítulo II, cheguei ao Luremo no dia 20 de Janeiro, e a 21 organizou-se a coluna pela forma que já está indicada no mesmo capítulo.

Em 25, apresentou-se-me o soba Nzovo (Cazori), acompanhado dos seus macotas e algum povo, oferecendo os seus serviços contra o Calungula, lembrando-me o que me havia dito na primeira visita que me fez em Outubro, de que o Calungula era maroto e falso.

Determinei-lhe que, até 15 de Fevereiro, se apresentasse em Calungula, com o seu povo devidamente armado, retirou-se no dia seguinte, a fim de se preparar e avisar o povo.

Depois de organizada a coluna e determinadas as guarnições dos postos do Luremo, Cuango, Utunguila, Nzovo, Mussuco, Cacuri, Quinguine, Mona Menau e Huamba, e transportadas pelo combóio as munições e víveres, iniciou, em 1 de Fevereiro a marcha para Calungula parte do contingente da 5.^a companhia, sob o comando do alferes Pereira, com ordem de manter em marcha e estação os serviços regulamentares prescritos em campanha; no dia 2, marchou o quartel general, serviços de saúde, administrativos e combóio, e restante fôrça do contingente da 5.^a companhia, que, no dia 4, se reüniu em Xandundo ao contingente que tinha saído em 1, não se tendo feito a marcha desde o Luremo conjuntamente, por nos pontos intermediários não haver alojamento para tanto pessoal e animal.

A fôrça, assim reünida, chegou a Calungula no dia 7, onde já se encontrava a fôrça que completava a coluna.

Tratei logo de me informar da situação do gentio rebelde, suas disposições, causas imediatas que deram origem à sublevação, bem como as medidas que foram adotadas, e a forma como foi repellido o ataque.

De 8 em diante era ministrada, diariamente, instrução de tática abstracta e aplicada, com resolução de problemas dados na ocasião, serviço de campanha, etc., procedendo-se também à conclusão do reduto.

*

*

*

As causas imediatas da sublevação do pontentado Calungula, porque as remotas já estão descritas no capítulo I, foram as seguintes:

A firma comercial Moraes e Sousa, estabelecida em Muxailla, tinha em Calungula uma manada de gado destinada à permuta em Xamucuari. O sócio Sousa foi pedir ao Calungula para mandar um subordinado seu acompanhar essa manada até Xamocuari, mediante a gratificação estipulada, como era de costume.

Por êste facto, se depreende que era sabido que a acção protectora do pôsto não ia além da sua zona eficaz, e que o Calungula se tinha comprometido com o Govêrno a não consentir roubos até o rio Cuengo, onde chegava a sua acção, como já está exposto no capítulo I.

Não se conformando o comerciante Sousa com a gratificação pedida pelo Calungula, foi pedir a intervenção do comandante do pôsto; o comandante, no intuito de zelar os interêsses dos comerciantes e satisfazer os seus pedidos, mandou chamar o Calungula, lembrando-lhe que se tinha comprometido com o Govêrno a fornecer aos comerciantes enviados seus, para acompanharem as manadas ou cargas, mediante uma remuneração; mas, a que tinha pedido ao comerciante Sousa era exagerada; não conseguiu, contudo, o comandante, uma resposta definitiva do soba.

Nessa noite, soltou-se a manada, e causou alguns prejuízos numa lavra, facto êste que deu origem a outra questão, que, por não ter sido resolvida a contento do soba, na noite seguinte, mandou apreender toda a manada, o que não levaram a efeito,

por serem presentidos, sendo nessa ocasião prêso um filho do Calungula, o que agravo a questão.

Deu logo ordem o potentado para que se reünisse na sua sanzala o gentio seu subordinado, com o fim manifesto de romper hostilidades, induzido especialmente pelo chefe da comitiva bângala, comitiva que já tinha regressado do Pende.

Quando já havia bastante gentio reünido na sanzala, deliberou o comandante do pôsto, tenente João Dias de Carvalho, ir pessoalmente lá, acompanhado por seis soldados e alguns comerciantes, deixando de prevenção a restante fôrça.

Na sanzala, foi mal recebido, quando tentava por meios suá-sórios persuadir o Calungula e sua gente de que mal procediam expondo-se a conseqüências graves, que lhe podiam advir.

Não aceitou êsses conselhos o gentio, repelindo-os com vociferações, salientando-se um irmão do Calungula, que directamente o insultou, dando-lhe um empurrão, ao que o tenente respondeu com uma tremenda bofetada; por felicidade, não foi logo assassinado; pôde retirar para junto da fôrça, e, no regresso, por pouco, não foi atingido por um tiro.

Dispôs a peça em combate e a fôrça em linha frente à sanzala; nesta situação passiva se conservou, esgotando a última parcela de prudência, até que o gentio rompeu o fogo.

Justificou o tenente essa demasiada prudência, por supor que o gentio reconsiderasse e não fizesse fogo, havendo, portanto, tempo para serem avisados os comerciantes, que estavam para leste do pôsto.

Abertas as hostilidades, foi o gentio repellido rápida e enérgicamente, pondo-se em fuga desordenada, causando-se-lhe grande número de baixas e ferimentos, depois do que se incendiou a sanzala.

Melhor resultado se teria obtido se, na ocasião em que o gentio, com o Calungula à frente, estacionara a uns duzentos metros da fôrça, tivesse o comandante rompido logo o fogo por descargas e tiros de peça, porque, certamente, grande parte do gentio ali ficava, e muito naturalmente o Calungula, que, na frente, o incitava e animava; e, assim, ter-se hia sufocado ali a sublevação, evitando-se as conseqüências posteriores.

O Calungula e a sua gente ocultaram-se, durante dois dias, nas matas fronteiras ao pôsto, porque foi seu intento render-se, o que mais tarde se soube, porque mandou um filho a

Muxaila pedir ao comerciante Moraes, da firma acima citada, para ser intermediário na questão entre êle e o comandante do pôsto, prontificando-se a pagar a multa que lhe fôsse imposta.

Êste comerciante, por motivos que não é fácil atinar, não acedeu ao pedido, e até dêle guardou absoluto segredo; mais tarde, o próprio filho do Calungula e outros indígenas o confirmaram.

Era dever dêste comerciante fazer a comunicação do pedido ao comandante do pôsto, mas, são dêste feitio e tem êste critério a maior parte dos comerciantes que por ali estão.

*

* *

A guarnição do pôsto era de cinquenta e seis homens, e havia uma peça municada com cem tiros, como já disse, mas, na ocasião do ataque apenas havia vinte e dois, porque as praças restantes tinham ido reforçar o pôsto de Muamba, a pedido do comandante, alarmado por um boato falso, e outras tinham ido ao Luremo em diferentes serviços; esta imprevidência explica-a o tenente, declarando que nessa data estava já convencido que nenhum incidente se levantaria por parte do Calungula, pelas boas relações que com êle mantinha, como me havia informado em nota para Malanje; supõe também que o ataque ao pôsto e a sublevação do gentio foi devida, principalmente, a constantes instigações do bângala Muriquirique, que não via com bons olhos o estabelecimento do pôsto.

A meu ver, compensou êle essa imprevidência, repelindo rápida e enérgicamente, com incontestável valor, o ataque de tam numeroso gentio.

Para iniciar as operações, era indispensável conhecer a situação e disposições do gentio sublevado, e ainda daquele que o poderia auxiliar.

Calungula e a sua gente tinham fugido para além Cuengo, alojando-se nas terras do soça Bindo, a três dias dêsse rio.

Pedi ao potentado Capenda Camulemba para o deixar alojar nas suas terras, pedindo-lhe também o seu auxílio contra as fôrças do Govêrno, mandando-lhe nessa ocasião valioso presente, dos roubos que tinha feito, presente que êsse potentado

rejeitou, não satisfazendo os pedidos que lhe fazia; igual fez a um importante soba quiôco, obtendo a mesma resposta, mas este não lhe devolveu o presente; tentou ainda conseguir o auxílio dalguns outros, mas obteve o mesmo resultado.

O importante soba Cassassa, de além Cuengo, não só lhe não deu guarida, como não consentiu que fôsem saqueadas as casas que havia perto da sua sanzala, que tomou sob sua guarda.

Nestas condições, vendo-se isolado, apenas acompanhado por alguns dos seus, porque muitos já tinham ido buscar abrigo em sanzalas doutros sobas, pela falta de alimentos, resolveu, depois de tantos fracassos, entrar em negociações com o Govêrno, obrigando-se a entregar os roubos e os assassinos dos europeus.

Vim também no conhecimento de que os sobas Cambuanje, Xaximbaxe e Xamecuari se conservavam nas suas sanzalas, declarando que parte dos roubos que possuíam os entregariam ao Calungula, porque êles apenas tinham cumprido as suas ordens, e que era com êle que o Govêrno se devia entender.

Estes esclarecimentos e intenções do Calungula e doutros sobas obtive-os por intermédio do soba Xamejinga, que tinha a sua sanzala a quatro horas para leste do pôsto, soba que se apresentou à minha chegada, declarando que, na ocasião da sublevação, estava ausente no Pende, com seus filhos, em negócio, declaração que convinha aceitar por boa, para aproveitar, com critério e judiciosamente, outras informações.

Igualmente se apresentou o soba Quixinda, acompanhado por seus macotas e alguns subordinados, declarando que não tinha acompanhado o Calungula nos desacatos feitos à autoridade, nem nos saques às casas comerciais, verdade que comprovava, porque, estando estabelecida na sua sanzala uma casa pertencente a Diogo & C.^ª, a qual foi abandonada pelo empregado, êle tomou à sua guarda todas as mercadorias ali existentes, e que parte delas já as trazia para fazer entrega ao dono; informou também que o soba Oxenda, o mais importante da margem esquerda do Cuengo, não havia cedido ao convite do Calungula, e que desejava estar em paz com o Govêrno e o auxiliaria no que pudesse.

Tratei de obter conhecimento dos itinerários, por onde

deviam seguir as fôrças, informações que me foram fornecidas, em detalhe, pelos comerciantes que mais os conheciam.

Todas as informações que acabo de expor foram obtidas desde o dia 7, em que cheguei a Calungula, até 17.

No dia 14 apresentou-se em Calungula o soba Nzovo (Cazovi), o maioral dos sobas lundas, da região entre Huamba e Cuengo, montado no seu *quimangota*, trazendo de reserva mais cinco, e acompanhado por trezentos e setenta e cinco homens, sendo cento e trinta cinco armados, dizendo que viriam mais, que conduziam mantimentos, cumprindo assim o que lhe tinha determinado no Luremo.

*

* *

No dia 17 dei ordem para que, em 18, marchasse uma coluna, sob o comando do tenente Carvalho, na fôrça de duzentos e trinta e um homens, incluindo auxiliares.

No dia 18, ordenei para que, no dia seguinte, marchasse uma outra coluna sob o comando do alferes Lopes da Silva, na fôrça de cento e vinte e um homens, incluindo auxiliares, e quatro solípedes.

Em 20, vieram ao pôsto alguns filhos do soba Quixinda entregar o resto das mercadorias pertencentes a Diogo e C.^a; aproveitei dois dêles para que, sem perda de tempo, fôssem avisar o soba Oxenda de que nenhum medo tivesse da fôrça que ia castigar os sobas que se revoltaram contra o Govêrno e saquearam as casas comerciais, porque, como não tinha acompanhado os revoltosos, nenhum mal se lhe fazia, e que, apenas tivesse conhecimento da chegada da fôrça a Xamecuari se apresentasse ao comandante, e lhe prestasse todas as informações e esclarecimentos.

Em Calungula ficou o quartel general e o 1.^o pelotão da coluna, constituído pelo contingente da 5.^a companhia, na totalidade de 61 praças e mais 51 praças dos contingentes da 6.^a, 8.^a e 9.^a companhias, a bôca de fogo e respectiva guarnição.

O soba Nzovo ficou com alguns dos seus macotas e alguma gente.

Determinei a êste soba que mandasse emissários seus ao Nzovo (Cacova), seu sobrinho e subordinado, bem como ao

Muari Cahumbo, para saberem se nas suas sanzalas estavam subordinados do Calungula, por constar, por informações dos comerciantes, que o soba rebelde lhe havia mandado enviados, fazendo-lhes grandes oferecimentos para o auxiliarem, e saquearem as casas comerciais que ainda estavam estabelecidas nas suas sanzalas, e aonde residiam alguns comerciantes; reconheceu-se, depois, que êsses boatos eram falsos e infundados, como, em geral, são todos os que partem dos comerciantes, que, ou são devidos a medo, ou com o fim de grandes lucros, pelo alarme que provocam entre os colegas.

Pelos motivos expostos, entendi que era preciso ficar em Calungula a fôrça suficiente, não só para reforçar prontamente, se preciso fôsse, as colunas que marcharam para leste, mas também para socorrer as casas comerciais estabelecidas em Mucassa e Muári Calumbo, caso fôsse preciso, o que não devia logo fazer, por não ter a certeza da verdade dêsses boatos, além de que a fôrça da coluna não era a bastante para, com garantia de êxito, manter simultâneamente operações para leste, até Xamucuari, e para norte, até Muari Calumbo.

*

* *

A coluna do comando do tenente Carvalho iniciou a marcha à 1 1/2 hora da tarde do dia 18, em direcção à sanzala do soba Cambuange; deu descanso de algumas horas na sanzala do Xamejinga, e durante êsse descanso fugiu o soba e todos os homens da sanzala, que era pequena, ficando apenas algumas mulheres e crianças; seguiu depois a coluna para Cambuanje, onde devia chegar ao romper do dia 19, mas só chegou às 9 horas, por se ter desviado do verdadeiro caminho, por engano.

Ao chegar perto da sanzala, viu-se que pouco gentio já lá se encontrava, naturalmente por aviso de gente do Xamejinga, mas ainda assim dispersaram alguns tiros contra a coluna, estabelecendo-se tiroteio, que pouco durou, refugiando-se no mato e abandonando a sanzala; aprisionaram-se apenas duas mulheres e duas crianças, e nas cubatas encontraram-se alguns artigos de uso doméstico e uma pequena porção de borracha dispersa por vários pontos, indicando tudo que a fuga tinha sido precipitada e há pouco tempo.

Estacionou aí a coluna, procedendo a vários reconhecimentos e explorações, não encontrando nenhum gentio; lançou-se fogo à sanzala, deixando apenas algumas cubatas para pernoitar, destruindo-se também as lavras próximas.

Em 20, de madrugada, iniciou-se a marcha em direcção à sanzala do Muxabata, depois de haverem incendiado as cubatas onde pernoitaram durante a marcha, que foi feita entre mata espessa; não foi presentido o gentio, chegando a coluna a Muxabata às 9 ¹/₂ horas da madrugada, onde já estava a do comando do alferes Lopes da Silva, que encontrou já a sanzala abandonada.

Reunidas as duas colunas, e na ocasião em que os auxiliares procediam ao corte e devastação das lavras, aparece-lhes de surpresa o gentio, fazendo-lhe fogo nutrido, respondendo-lhe o 1.^o pelotão da coluna durante algum tempo, repelindo-o finalmente para longe, e os auxiliares continuam a devastação das lavras, protegidos por uma fôrça de 60 praças.

As duas colunas reunidas, na fôrça de 352 homens, sendo 138 de fôrça regular e 214 de auxiliares, e sob o comando do tenente Carvalho, no dia 21, às 6 horas da manhã, iniciaram a marcha, com o itinerário indicado nas instruções, ficando em Muxabata um pôsto de comunicação provisório, de comando de oficial, que dias depois se estabeleceu definitivamente em Camaxilo; na passagem da coluna por esta sanzala, que estava abandonada, limitou-se a incendiá-la e destruir algumas lavras.

O gentio de toda essa região estava concentrado na sanzala do Quinina e Cabango, por ser uma zona coberta de espessa mata, difícil para o ataque, e ter como certo um revés para a fôrça do Govêrno; acresce ainda a circunstância de considerarem o soba Cabango como o mais atrevido e guerreiro, chegando por vezes a não cumprir as ordens do próprio Calungula.

De facto, encontrou a coluna ali tenaz e séria resistênciã, porque, já perto da sanzala do Quinina, foram os exploradores recebidos com uma descarga, a que responderam com outra; a coluna tomou o dispositivo de combate, e nova descarga parte do lado do gentio, pelo flanco esquerdo e, emboscado na mata, envolve a coluna; esta formou quadrado e pôde conseguir, no fim de quatro horas consecutivas de fogo, pôr o gentio em debandada, sendo ainda perseguido até alguma distância

pelos auxiliares, não indo a perseguição até maior distância por se avizinhar a noite; por êste motivo também pernitoou a coluna na sanzala do Quinina.

Durante o combate, houve da nossa parte dois soldados feridos e um auxiliar mais gravemente, e da parte do gentio bastantes baixas e ferimentos, o que foi logo reconhecido pela característica vozeria e choro do gentio, que vinha da mata a grande distância.

Durante a noite, a coluna tomou as seguranças regulamentares, estabelecendo vedetas, e mantendo acordada metade da fôrça; nenhuma ocorrência houve, ouvindo-se só muito ao longe a vozeria e choros.

Na manhã seguinte, 22, prosseguiu a coluna a marcha com todas as prescrições regulamentares, e, ao passar pela sanzala do Cabango, que estava abandonada, notou se que na cubata do próprio soba havia muitos vestígios de sangue, supondo-se que tivesse sido gravemente ferido, ou morto.

Incendiada a sanzala e destruídas algumas lavras, seguiu a coluna para Xaximbaxe, não encontrando nenhuma oposição, donde se concluiu que o gentio tinha fugido todo, e para longe; destruíram-se algumas lavras e incendiaram-se duas sanzalas, que estavam abandonadas, chegando à tarde àquele ponto, que igualmente encontrou abandonado, pernitoando ali.

O êxito obtido pelas nossas fôrças, em região tam difícil, e contra um numeroso gentio atrevido e guerreiro, sufocou de vez a rebelião, porque nenhum outro obstáculo se encontrou.

Levantou-se e vinculou-se o prestígio, que se propagou com rapidez por toda essa vasta região, e ainda pelas mais afastadas.

Ao anoitecer, apresentaram-se ao comandante da coluna os dois filhos do soba Quixinda, que em 20 tinha mandado ao Oxenda, acompanhados pelo macota e um sobrinho dêsse soba, que confirmaram que não se tinham juntado ao Calungula; informaram também que o soba Cabango tinha morrido, bem como muito gentio, e que havia muitos feridos.

A coluna tomou as devidas precauções durante a noite, dispondo o serviço de segurança, não havendo nenhum incidente, e no dia seguinte marchou para Xamucuari, passando pela sanzala do Xamagunje, que encontrou abandonada e incendiou, e, pouco antes de chegar à sanzala do Xamucuari, ouviu-se vozeria na margem oposta do Cuengo, reconhecendo os auxi-

liares ser o soba Xamucuari que, chegando à fala, lhe foi dito que não se lhe fazia mal, por ter proporcionado a retirada dos europeus que estavam estabelecidos na sua sanzala, depois do que passou o rio a nado com mais oito filhos, apresentando-se ao comandante da coluna.

Convinha não o hostilizar, não só para dar informações sobre o paradeiro certo do Calungula, como para servir de intermediário.

Chegou a coluna às 5 horas da tarde à sanzala, e utilizou as casas comerciais que ainda não estavam destruídas para o alojamento da fôrça.

No dia seguinte, apresentou-se o soba Oxonda, confirmando as declarações dos enviados que mandou a Xaximbaxe, declarando que não tinha cedido ao pedido do Calungula e não tinha tomado parte nos saques; apresentou-se seguidamente o soba Cavunda, seu vizinho, que estava nas mesmas condições; entregaram nessa ocasião a alguns comerciantes que acompanharam a coluna as suas dívidas de quando ali estavam estabelecidos.

O soba Oxenda e Xamucuari serviram de intermediários entre o comandante da fôrça e o Calungula, e eram quasi sempre acompanhados por ambaquistas de confiança, que tinham ido com a coluna.

O soba Oxenda prestou sempre bons serviços, não se podendo dizer o mesmo do Xamucuari, porque, sendo o que com mais roubos ficou, apenas entregou uma insignificante parte, alegando que tudo entregaria ao Calungula, por ser êle o único responsável; não se prendeu logo, porque qualquer acção de fôrça prejudicaria o resultado que se queria obter.

Desde o dia 23 de Fevereiro, em que a coluna chegou a Xamucuari, o objectivo era a prisão do Calungula, seus principais cúmplices, assassinos dos europeus, e o recebimento dos roubos; neste sentido, envidaram-se todos os esforços para o conseguir.

Não era conveniente a coluna prosseguir para além Cuengo sem estar completamente submetida e pacificada a região que se havia sublevado e as circunvizinhas, porque, além da fôrça ser insufficiente, o Calungula fugiria constantemente, e internando-se no Pende, como o havia já declarado, não podíamos aí ir, por pertencer essa região ao Estado Independente; e

dos roubos pouco se poderia obter, por êle ter levado a maior parte.

*

* *

Pouco depois da partida das colunas para Xamucuari, dirigiram-me uma carta os comerciantes estabelecidos perto da sanzala do Mucassa (Nzovo Cacovo) e os de Muari Calumbo, informando-me de que as suas vidas e haveres corriam risco, por terem chegado emissários do Calungula e constar-lhes que tanto o Mucassa como o Muari Calumbo estavam agora dispostos a dar-lhe auxílio; não acreditei, porque, dois dias antes, tinha sofrido o gentio o tremendo revés, que acima vai exposto, o que já lá devia constar, e não era nada provável que tanto o Mucassa como o Muari Calumbo, que até aí não acederam aos pedidos do Calungula, acedessem agora, e tanto assim era que nesse dia se apresentou um sobrinho do Mucassa, que me foi apresentado pelo potentado Nzovo (Cazori), declarando que vinha cumprimentar-me em nome de seu tio, por êste estar doente, protestando obediência ao Govêrno, e que as casas comerciais estabelecidas perto da sua sanzala bem como as estabelecidas em Muari Calumbo, soba seu subordinado, não seriam saqueadas por gente do Calungula, e que seriam respeitados os europeus.

Foi a resposta que mandei aos comerciantes, à carta de pânico que me haviam dirigido.

Êste soba Mucassa (Nzovo Cacovo) é sobrinho e subordinado do potentado Nzovo (Cazari), mas não lhe obedecendo por vezes, por estar perto do Calungula e ter medo dêle; no entanto, prestou êle bons auxílios aos europeus, que, fugidos de Xamucuari e Cassassa, passaram pela sua sanzala, dando-lhes guias para se encaminharem à sanzala do Nzovo e escaparem-se assim à perseguição da gente do Calungula.

Passados poucos dias, apresentaram-se em Calungula os comerciantes estabelecidos em Mucassa Muari Calumbo, declarando que se salvaram por milagre, e que as suas casas deviam estar já saqueadas.

Não acreditei, por nada alegarem em que se pudesse basear o que afirmavam.

Logo no dia seguinte, apresentou-se um macota e sobrinho do Mucassa, perguntando-me a razão por que os comerciantes tinham fugido de noite das suas casas, abandonando-as; declararam que ficaram sob guarda do Mucassa, e que todas as mercadorias e mais artigos lá existentes, seriam entregues aos representantes dessas casas, e o mesmo afirmavam sobre as casas de Muari Calumbo.

Em poucos dias, estavam removidos para Calungula todos os haveres existentes nessas casas, nada faltando.

Só por um demasiado pânico se explicam as afirmativas categóricas feitas pelos comerciantes.

Procedimento igual a este soba teve o soba Cassassa, além Cuengo, não consentindo que o gentio de Calungula saqueasse as casas estabelecidas perto da sua sanzala, que conservou sob sua guarda, e tudo entregou aos comerciantes.

*

* *

Ao comandante do posto de Camaxilo, alferes Amado, foram dadas várias instruções sobre a escolha do melhor ponto para estabelecimento do posto, e efectuar reconhecimentos em torno do mesmo.

Num reconhecimento que efectuou, surpreendeu uma grande porção de gentio (homens, mulheres e crianças) num acampamento improvisado, junto a umas lavras.

O alferes Amado disse-lhes logo que não tivessem medo, porque não lhes fazia mal, mas todos fugiram, passando um riacho e fazendo da encosta fronteira bastantes tiros, apesar de repetidas vezes o alferes Amado lhes declarar que não fazia fogo; mas, não cessando eles de o fazer, mandou dar uma descarga, depois da qual fugiram para maior distância; não foi em sua perseguição, por no posto terem ficado poucos soldados e avizinhar-se a noite, regressando por isso ao posto.

A meio caminho, ouviu vozes de gentio, anunciando-lhe que no dia seguinte atacariam o posto.

De facto, no dia seguinte, de madrugada, grande número de gentios fez o ataque, que foi enérgico, mas prontamente repellido, e perseguido o gentio até grande distância.

Foram estes os últimos tiros feitos pela coluna.

*

* *

A coluna do comando do tenente Carvalho, estacionada em Xamucuari, tratou, por intermédio dos sobas Xamucuari e Oxenda, entabolar relações com o Calungula, e, em 2 de Março, vieram dois enviados dêle, acompanhados pelo Xamucuari, dizer que o soba Calungula há muito tempo desejava liquidar a questão com o Govêrno, mas que para isso precisava vir para Xamucuari, para ali reünir todos os sobas, que tinham ficado com os roubos, mas que não viriam com medo da fôrça: por isso pedia para que ela retirasse para o pôsto de Calungula.

Não satisfiz por completo a êsse pedido, mandando-lhe dizer que retiraria para Camaxilo, e que assim não deveriam ter medo; não convinha a retirada da fôrça para Calungula, porque seria perder o terreno que mais convinha ocupar, e ainda porque, ficando Camaxilo a três horas apenas de Xamucuari, fácilmente se podia dar um golpe de mão quando fôsse oportuno ou preciso.

Depois da aplicação do castigo, que foi severo, segue-se naturalmente a imposição de condições, e a pacificação, devendo atender-se ao repovoamento da região batida, dando-se a alguns o perdão, o que não é fraqueza.

*

* *

Quem conhece a morosidade do gentio na resolução de qualquer pleito não estranhará as grandes e proverbiais demoras e, contando com elas, presumi que até o fim de Maio teria prêso o Calungula, e garantida a entrega dos roubos.

Em 3o de Abril mandei retirar a fôrça de Xamucuari para Camaxilo, e aí continuaram as relações com o Calungula, não só por intermédio dos sobas Oxenda e Xamucuari, mas por meio de ambaquistas de confiança e pelos próprios filhos do Calungula, que já ali vinham.

Prosseguiram as combinações, das quais dei conhecimento superiormente, e, ao cabo dalgum tempo, veio o Calungula instalar-se na margem direita do Cuengo, fronteira a Xamucuari.

Os sobas que tinham ficado com os roubos não acudiram ao seu chamamento, porque já os tinham permutado por borracha, e resgatado serviçais nas regiões do Pende, Caxilangue e Lubuco, tendo ido já permutar a borracha a Muxaila, directa ou indirectamente, e por isso só depois de novos serviços, feitos principalmente no Pende, podiam entregar o equivalente dos roubos, em borracha.

Vendo o Calungula que não podia entregar, pelo menos, metade da importância dos roubos feitos, conseguiu dos sobas Cassassa e Oxenda que fôsem seus fiadores, e, como me pareceu de bôa tática aproveitar essa idea, aceitei os sobas Cassassa e Oxenda como fiadores, não do Calungula, mas dos roubos por êle praticados e seus cûmplices, mediante condições que ficaram expressas no auto que se lavrou, e que foi remetido para o Govêrno Geral.

Os sobas Oxenda e Cassassa declararam-me que era intenção do Calungula apresentar-se depois de ser entregue ao Govêrno, pelo menos, metade dos roubos feitos:—cumprindo-me informar que nunca se lhe fizeram prometimentos falsos, no intuito de o prender, porque, a ter-se podido realizar a prisão, teria sido por surpresa, com garantia de êxito; foram estas as instruções que dei.

Depois de lavrado o auto, e a pedido dos sobas fiadores, autorizei que os sobas subordinados do Calungula e sua gente pudessem reocupar as suas terras; alguns já aproveitaram essa auctorização.

*

* *

É certo que, depois do gentio sublevado ter sido severamente castigado e de estar pacificada essa região, que de facto o ficou desde Abril, eu poderia ter regressado a Malanje, deixando o seguimento das combinações e condições estabelecidas a cargo do official comandante da 8.^a companhia, ou a outro mais antigo ou de maior graduação.

Não o pude fazer, porque o comandante da companhia era o official mais antigo e graduado de que podia dispor, e êste estava quási a terminar a comissão, além de que era um doente, com pouca vontade ao serviço e poucas qualidades de comando. Nestas condições embaraçosas, resolvi ficar eu, dis-

solvida mesmo que fôsse a coluna, continuando até que viesse oficial que pudesse completar o serviço.

Pelas circunstâncias de que superiormente dei conhecimento, a coluna só se dissolveu a 3o de Junho.

Nada se perdeu com a demora, aliás forçada, porque não foi estéril; assegurou-se mais a ocupação e prestígio, e inspirou-se confiança ao gentio; tam pouco se permaneceu por gôsto, porque a todos faltou o mais insignificante confôrto, e sofreram com a acção do clima e excesso de trabalho.

Não houve ociosidade; trabalhou-se e trabalhou-se sempre; abriram-se e regularizaram-se as comunicações, substituindo as veredas gentílicas, sempre tortuosas e difíceis; e, contra a expectativa de todos, o gentio dessas regiões auxiliou, e muito, a abertura dessas comunicações e construção de pontes, que podem dar passagem a carros; completou-se o reduto de Calungula, e construiu-se o de Camaxilo, com o seu respectivo *blockhaus*, faltando o do pôsto de Huamba, que está em construção; foram auxiliares valiosos, neste serviço, soldados com officios de serradores, carpinteiros e pedreiros, que todas as companhias do distrito tem; criaram-se granjas junto aos postos de Huamba, Calungula e Camaxilo, e ao mesmo tempo que todos estes serviços se iam executando afinou-se a instrução das praças, tudo sem prejuízo dos serviços, diário de guarnição e segurança, e as colunas volantes estabelecidas entre Xamucuari, Camaxilo e Calungula.

A correspondência oficial foi sempre feita por soldados, de pôsto em pôsto, conseguindo-se que ela fôsse feita entre Calungula e Malanje em 4 dias e meio, e do Luremo em 3, nas distâncias respectivas de 361 e 236 quilómetros.

*

* *

Os efeitos immediatos obtidos pela coluna de operações, como consequência do severo castigo aplicado, foram, além da reparação do desacato, o alargamento da nossa soberania efectiva, numa região rica, e a submissão do gentio, que respeita e acata as ordens da autoridade, sendo pois dever da mesma tratá-lo bem, resolvendo com bondade e benevolência as suas faltas, e com justiça, resolver os seus pleitos com europeus,

quer com outros indígenas: por esta forma, cimenta-se o prestígio, fôrça que se não deve deixar abalar.

Os resultados imediatos obtidos foram ficar assegurada a ocupação por meio de postos militares e vias de comunicação, permitindo ao comércio o trânsito seguro das suas mercadorias; além dêsse resultado de ordem geral, receberam diferentes comerciantes, como já atrás fica dito, importâncias no valor de 56.802⁷/₃₉₉ réis, que reputavam perdidas, além de serventes que sobas rebeldes lhes entregaram.

Resultados posteriores se vão manifestando, pela contínua permuta de borracha feita nas casas comerciais além Cuango, que, nas povoações de Muxaila, Calungula e Camaxilo, de Junho a Novembro findo foi calculada, por informações das casas, em 196:000 quilos aproximadamente, transportando-se pelo caminho de ferro, de Janeiro a Novembro, 457:753 quilos.

*

* *

Devo referir-me a um incêndio havido nas habitações do reduto de Calungula, produzido por um tufão que, formando redemoínhos, levantou o brazido duma fornalha da cozinha, e as fugalhas, introduzindo-se na cobertura de capim, apesar de estar interiormente resguardada com peles de levi e fôlhas de lata, comunicaram-lhe o fogo, que, auxiliado pela violência do vento, se propagou em vinte minutos a todas as habitações, havendo só o tempo preciso para se salvarem munições, documentos oficiais e valores em cofre; houve alguns prejuízos em artigos da Fazenda, rancho em depósito, e os particulares dos oficiais e sargentos, facto de que dei conhecimento detalhado no meu officio confidencial n.º extra-G, de 24 de Julho, dirigido ao Chefe do Estado Maior.

*

* *

A despesa extraordinária feita com a coluna foi de 4:708⁷/₈₆₉ réis e a receita de 4:237⁷/₆₁₄ réis, proveniente de rendimentos de lavras apreendidas ao gentio rebelde, rendimento de gado abatido, borracha de presentes de sobas e multas apli-

çadas, não entrando a do Calungula, o que dá só uma diferença de 471~~7~~275 réis contra a Fazenda.

Saliento êste facto, não por supor que vá dar valor ou importância às operações, porque êsse valor e importância são expressos pelos efeitos e resultados que se obtiveram.

Em todas as operações efectuadas neste distrito desde 1896 não tenho nunca descuido o dever de zelar os interesses da Fazenda, sem nunca sacrificar o objectivo principal das operações.

*

* *

A columna foi dissolvida em 30 de Junho, como atrás se disse, ficando em Calungula e Camaxilo a fôrça indispensável para provisoriamente reforçar êsses postos.

No de Calungula ficaram 59 praças da 5.^a companhia, sob o comando do alferes Pereira, fôrça que retirou em 2 de Agosto, chegando a Malanje em 25, e em Camaxilo 30 praças da 9.^a companhia, sob o comando do alferes Amado, que retiraram em 19 de Outubro, chegando a Malanje a 5 de Novembro.

*

* *

Efectuei a minha retirada do pôsto de Calungula em 25 de Julho, depois de dar as devidas instruções ao tenente Carvalho, que ficou comandando a 8.^a companhia e pôsto militar, instruções que depois mandei ampliar e que remeto por cópia.

Um violento acesso febril forçou a minha retirada, pela grande depressão de fôrças que me produziu, e outro mais violento me acometeu no Luremo, chegando a supor que não poderia prosseguir pela falta de tudo: pude ainda assim chegar a Malanje a 9 de Agosto.

*

* *

Em virtude da forma por que a columna do meu comando se comportou em todos os serviços que lhe foram determinados, dos quais se obtiveram os efeitos e resultados já expos-

tos, impondo-se principalmente o alargamento da nossa soberania efectiva numa região longínqua, e sobretudo apta para a colonização europeia e rica, porque além de produzir a borraça, o género mais rico desta província, é rica também em minérios, segundo observações superficiais, que futuras pesquisas do subsolo e experiências confirmarão.

Por todos os motivos apontados, cumpro gostosamente o dever de declarar que todo o pessoal da coluna, oficiais e praças, cumpriram, e bem, os serviços de que foram encarregados, não tendo havido nenhum incidente a que tenha de me referir, que represente pouca vontade no cumprimento de qualquer ordem, falta de brio ou coragem, ainda nas ocasiões mais difíceis e em marchas longas e penosas.

Devo mais uma vez salientar as qualidades do soldado indígena desta região, de sobriedade, resistênciã, boa vontade e coragem, qualidades estas que no seu conjunto representam o tipo de bom soldado.

Cumpro por último o dever de apresentar a seguinte proposta, em que distingo alguns oficiais e sargentos, que em diferentes serviços se salientaram, uns por intemerato valor militar, e todos por extremado zêlo, boa vontade e coragem que manifestaram.

PROPOSTAS

1.^a

Proponho para ser agraciado com o grau de cavaleiro da antiga e muito nobre ordem da Tôrre e Espada do valor, lialdade e mérito o tenente de infantaria do exército do reino, João Dias de Carvalho, pela serenidade e valor militar que demonstrou na defesa do pôsto militar de Calungula, atacado por numeroso gentio, repelindo rápida e enérgicamente êsse ataque, produzindo grande número de baixas e ferimentos aos rebeldes, dispondo apenas de 22 homens e uma bôca de fogo; e ainda pela forma como dirigiu a coluna que sob o seu comando atacou o gentio rebelde de Cambuanje, Quinina e Cabango, tendo na área destas duas últimas sanzalas de sustentar o fogo durante quatro horas consecutivas, em terreno difficil e coberto de matas, pondo por fim em completa debandada

o numeroso gentio, que durante aquelas horas resistiu, causando-lhe grande número de baixas e ferimentos, acção esta que sufocou por completo a sublevação havida.

2.^a

Proponho para ser condecorado com a medalha de prata de valor militar o alferes do quadro ocidental António Amado, porque, tendo feito parte da coluna do comando do tenente João Dias de Carvalho, demonstrou em todos os serviços de reconhecimento e exploração completa serenidade, critério e valor, mantendo rigorosa disciplina nas praças do seu comando; iguais qualidades demonstrou nas explorações e reconhecimentos feitos em tórno do pôsto militar de Camaxilo, de que era comandante, tendo repellido rápida e enérgicamente um ataque feito a êsse pôsto pelo gentio, perseguindo-o até grande distância, estando por estes factos incluído no caso previsto no artigo 3.^o do regulamento aprovado por decreto de 21 de Dezembro de 1886.

3.^a

Proponho para ser condecorado com a medalha de prata de bons serviços o alferes de infantaria do exército do reino, Manuel José Pereira, porque, sendo comandante do contingente da 5.^a companhia, constituindo um pelotão, manteve sempre a mais rigorosa disciplina nas praças do seu comando, ministrando-lhes uma completa instrução para todos os serviços de campanha, demonstrada em diferentes reconhecimentos e explorações em zonas suspeitas. Nestes serviços denotou muito critério e indiferença ao perigo, estando por estes factos incluído no artigo 4.^o do regulamento aprovado por decreto de 21 de Dezembro de 1886.

4.^a

Proponho para ser condecorado com a medalha de prata de bons serviços o alferes do quadro ocidental Miguel Francisco Vidal, porque, pela falta de oficiais, acumulou, desde o princípio, os serviços de ajudante da coluna e de chefe dos

serviços administrativos, desempenhou ainda os serviços a cargo do Chefe do Estado Maior da coluna, por êste ter adoecido gravemente, serviços muito variados e complexos, que representam uma grande densidade de trabalho, mas todos desempenhou com boa vontade e critério; auxiliou ainda a instrução de alguns pelotões e fez parte de alguns reconhecimentos e explorações a três e quatro horas distanciados do pôsto de Calungula, em zonas ainda suspeitas, em que denotou critério, serenidade e coragem, estando portanto incluído no artigo 4.º do regulamento aprovado por decreto de 21 de Dezembro de 1886.

5.ª

Proponho para que sejam louvados individualmente:

O alferes de infantaria do exército do reino António Eugénio Lopes da Silva, por ter mantido boa disciplina nas praças do pelotão do seu comando, e porque, tendo feito parte da coluna do comando do tenente João Dias de Carvalho, demonstrou coragem e serenidade no ataque feito à coluna pelo gentio, na área das sanzalas do Quinina e Cabango;

O alferes de infantaria do exército do reino Manuel Joaquim Ramos Coelho, por ter desempenhado com zêlo e muito boa vontade os serviços de Chefe do Estado Maior interino, e ainda por ter mantido uma rigorosa disciplina no contingente da 5.ª companhia, que comandou desde Malanje até o Luremo, ministrando-lhe durante a marcha instrução de exploração e reconhecimentos;

O facultativo de primeira classe Alfredo Martins da Silva Borges, chefe dos serviços de saúde da coluna, pelo bom desempenho dos serviços a seu cargo;

O segundo sargento da 5.ª companhia, n.ºs 113/113, Júlio Xavier Pereira, pelo exacto cumprimento dos serviços de que foi encarregado como amanuense do Quartel General da coluna, e pelo bom desempenho doutros que se lhe ordenaram e que também cumpriu com zêlo e boa vontade;

O segundo sargento da 9.ª companhia, n.ºs 15/290, Carlos Nogueira da Silva, porque, fazendo parte da coluna do comando do tenente Carvalho, desempenhou sempre com zêlo e boa vontade os serviços de que foi encarregado, e pela coadju-

vação que prestou ao comandante do p^osto de Camaxilo, na ocasião em que o gentio atacou o mesmo p^osto.

6.^a

Proponho para que sejam louvados todos os oficiais inferiores e mais praças que fizeram parte da coluna de operações.

CAPÍTULO IV

Considerações gerais

Do que fica exposto nos capítulos anteriores, se conclue que o alargamento da ocupação efectuada, garantida por postos militares e respectivas linhas de comunicação, que são outras tantas linhas de penetração, representa o domínio duma vasta área de expansão comercial em exploração.

São já zonas importantes do comércio as de leste do Cuango até o Cuengo e as marginais do rio Cambo até Tembo Aluma.

Importante será também a zona de quiôcos em tórno de Mona Quimbundo, zona que já principiou a ser explorada comercialmente pela Companhia Comercial de Angola e casa Baião Guerra & C.^a, mas com pouco êxito.

A primeira já a abandonou com grandes prejuízos, e à segunda o mesmo lhe vai sucedendo, devido sem dúvida a não se ter efectuado ainda a ocupação militar.

Com o avanço da ocupação vão-se criando para a frente novos mercados de permuta que, como é natural, vão prejudicando os que ficam atrás; alguns estão já reduzidos a entrepostos comerciais, e outros limitados ao negócio local e das regiões próximas.

A sucessiva penetração do caminho de ferro, que, drenando as regiões que atravessa, vai transportando os seus géneros e artigos para o litoral, e os dêste para êsses mercados do interior, é incontestavelmente o meio mais prático e eficaz de fazer a ocupação e de a radicar.

É na verdade um grande e poderoso benefício, mas é indispensável a barateza das tarifas ferro-viárias para com verdade êsse benefício representar um factor importante de fomen-

to, para a agricultura e comércio, e deve ser a característica principal a que devem atender as linhas férreas do interior.

Diz-se e consta que há muita prata e optimos caolinos na Jinga; cobre e outros minérios na zona de Mona Quimbundo, ouro em diferentes pontos indicado pelas areias dos rios, etc.; por isso impõe-se o estudo experimental das pesquisas do subsolo e experiências, mas, por técnicos de reconhecida competência e probidade profissional.

Igualmente se impõe o estudo de toda a flora do distrito, dos seus terrenos (que os há dum metro e metro e meio de profundidade de húmus), dos produtos agrícolas que mais convêm explorar e indústrias correlativas, indústria pecuária e outras, etc., estudos que devem ser feitos por pessoal habilitado e de reconhecido zêlo e probidade, sem o que todos os esforços e despesas serão inúteis.

A zona já ocupada, compreendida entre o rio Huamba e o Cuengo, é apta para a colonização europeia, pela sua salubridade, optimas águas e excelentes terrenos, com altitudes que variam entre mil e mil e duzentos metros.

Depois da passagem do rio Huamba principia a ver-se o arbusto da borracha de enormíssimo desenvolvimento radicular; em Calungula já há muito mais, e para leste há grandes áreas que o gentio chama *chanas*, que explora mas em pequena quantidade, preferindo ir ao Pende e Lubuco comprar a borracha já manipulada, por baixo preço, e assim alimenta os nossos mercados de permuta com sucessivos reviros: trazem sempre grande número de serviçais que resgatam nessas regiões e ainda nas de Massondes e Caxilangues, regiões todas pertencentes ao Estado Independente.

Quando o Estado Independente adoptar providências para que a borracha das suas regiões não derive para os nossos mercados, será o nosso gentio forçado a explorar toda a que possue nas suas terras.

Até hoje, contrariamente ao que se supõe, a grande maioria da borracha que é exportada pelas nossas alfândegas vem do Estado Independente; são factos do conhecimento de todos que passam o Cuango, e de muitos outros, e eu continuo a certificar-lo, o que venho fazendo desde 1898.

Os que vêem a progressiva exportação da borracha pelos portos do Estado Independente atribuem-na, gratuitamente, à

derivação da borracha do nosso território para esse Estado, por não conhecerem ou não quererem conhecer a orientação desse Estado sobre a enorme plantação feita e a exploração metódica e racional da que possuem em grande quantidade, o que é uma das suas principais preocupações.

*

* *

Sem espírito de pessimismo, devo apontar o que penso, sobre uma outra crise, que antevejo, para o comércio desta província.

Afigura-se-me que em poucos anos se manifestará a crise da abundância da borracha, como se deu a do café, apesar mesmo de as indústrias, nos seus contínuos progressos inventivos, a aproveitarem em muitas e variadas aplicações; mas a progressiva produção mundial excederá as suas necessidades e portanto a conseqüente baixa na sua cotação. Basta ver o afan e a atenção que estão prestando todas as nações coloniais para as plantações em grande escala de árvores e trepadeiras cauchíferas, estudando as de maior rendimento e os terrenos mais aptos para o seu desenvolvimento, e estudando ao mesmo tempo os melhores processos, baseados sobre cuidadosas experiências, para a sua extracção e fabrico. Assim, as colónias, tanto da África Oriental como da Ocidental, pertencentes às diferentes nações, levarão a todos os mercados do mundo uma enorme produção de borracha, além da produzida no Brasil, Malaca, Ceilão, Madagascar e Indo-China, que também concorrerão.

Não temos nós acompanhado este movimento, e o comércio limita-se a esperar que o gentio traga a borracha por êle manipulada, por processos primitivos, em geral má e cheia de impurezas.

Esta borracha certamente não pode competir e concorrer com a fabricada por processos mecânicos scientificamente estudados, que será apresentada nos mercados livre de impurezas e apta para ser logo modificada e adaptada às variadas aplicações industriais.

Nestas circunstâncias, à nossa borracha do interior sucederá o que sucedeu ao café, e não vejo agora o género indí-

gena que a possa substituir:— e o comércio ver-se há, assim em presença duma nova crise.

*

* *

Com a ocupação até hoje efectuada neste distrito, impõe-se a criação doutras circunscrições administrativas, nas regiões para leste do concelho de Malanje, não só porque são um elemento para bem radicar essa ocupação, mas também por estarem espalhados por essas regiões importantes núcleos de europeus.

Os chefes dessas circunscrições devem ter as mesmas atribuições administrativas e judiciais que os chefes das circunscrições já criadas, e assim se imporá ao gentio o critério e a justiça das nossas leis, que a pouco e pouco irão substituindo as suas gentílicas, segundo os seus usos e costumes, condemnando desde logo aquelas contrárias às leis humanitárias, que serão sempre reprimidas.

Os chefes das circunscrições devem ser os comandantes militares dos pontos indicados para sede, e os comandantes dos postos dentro da área dessas circunscrições deverão ter as atribuições administrativas dos actuais comandantes de divisão, incluindo os serviços de recrutamento, arrolamento de sanzalas e respectivas cubatas, estatísticas de população, etc.

À medida que a colonização europeia fôr aumentando nessas circunscrições, nomear-se hão comissões municipais constituídas por três membros, sendo presidente o chefe da respectiva circunscrição.

Apresento seguidamente as propostas para duas circunscrições administrativas, que julgo indispensáveis pelas razões acima expostas, e outra sôbre a delimitação do concelho de Tala Mugongo.

PROPOSTAS

1.^a

Proponho para que seja criada uma circunscrição administrativa que, em harmonia com a designação já consagrada

nos distritos de Loanda e Lunda, tenha a denominação de concelho do Quela.

Que seja o pòsto militar do Quela sede dêsse concelho, por ser o ponto mais importante e central da região. O chefe do concelho será o comandante militar dêsse pòsto. Terá êste concelho como divisões as áreas dos postos militares que oportunamente serão demarcadas.

O concelho terá as seguintes demarcações:

Leste — O rio Cuango desde a confluência do rio Cambo até o paralelo 9º.

Norte e oeste — O rio Cambo desde a sua confluência com o Cuango até as suas origens.

Sul — Origens do Cambo seguindo a cordilheira até o extremo sul do planalto do Quela; dêsse ponto em linha recta até o Morro do Bango, direcção da cordilheira até o paralelo 9º, seguindo êste até o rio Cuango.

Nota. — A demarcação sul poderá ser alterada depois da occupação efectiva da região confinante.

2.ª

Proponho para que seja criada uma circunscrição administrativa com o título de concelho do Cuango, com sede no pòsto militar de Calungula, por ser o ponto mais importante e central.

O chefe do concelho será o comandante militar, e terá como divisões as áreas dos postos militares que oportunamente serão demarcadas.

O concelho terá as seguintes demarcações:

Leste — O rio Cuango desde a delimitação com o Estado Independente do Congo até o paralelo 9º.

Norte — A delimitação com o Estado Independente do Congo.

Oeste — O rio Cuango desde a confluência do rio Utunguila até o paralelo 9º.

Sul — O paralelo 9º desde o Cuango ao Cuengo.

Notas. — As delimitações leste e sul poderão ser alteradas depois de realizadas as occupações effectivas das regiões confinantes.

Proponho para o concelho de Tala Mugongo as seguintes delimitações:

Leste—A cordilheira de Cahanje, desde o morro do Bango, portela do Minungo, seguindo em linha recta até a delimitação com o distrito de Benguela.

Norte e oeste.—Com as delimitações sul e leste dos concelhos do Quela e Malanje.

Sul—O rio Cuanza desde a confluência do rio Luhandu até a delimitação do distrito de Benguela.

*

* *

Sejam-me relevadas as lacunas e incorrecções dêste trabalho, e, para atenuante, sirva a sobrada boa vontade e o desejo sincero de bem cumprir.

Malanje, 30 de Novembro de 1916.

Verissimo de Gouveia Sarmiento,

GOVERNADOR DA LUNDA

Mapa da organização
da coluna ao Xinje e Lunda

Mapa da organização da coluna

Janeiro a Ju

DESIGNAÇÕES		
	Oficiais	Sargentos
Comandante — Ex.^{mo} Governador		
Serviço do Quartel General		
Chefe do Estado Maior	1	..
Ajudante da coluna	1	..
Amanuense	1
Ordenanças
Ferradores
Corneteiros
Tratadores e impedidos
Solípedes
Serviços de saúde		
Chefe (facultativo de primeira classe)	1	..
Enfermeiros	1
Serventes
Serviços administrativos		
Chefe	1	..
Comandante do combóio	1
Praças para o serviço de transportes
Dromedários
Fôrça		
Artilharia — Guarnição da peça
Infantaria	1	2
{ 1.º pelotão	1	1
{ 2.º pelotão	1	1
{ 3.º pelotão	1	1
{ 4.º pelotão	1	1
{ Tratadores
Solípedes
Soma...	7	8
Auxiliares civis		
Chefe, capitão de 2.ª linha
Europeus
Indígenas

Malanje, 14 de Dezembro de 1906.— O Secretário, *Miguel Francisco Vidal*, alferes.

de operações ao Xinje e Lunda

inho de 1906

EFFECTIVO							TOTAL				
Pessoal					Animal			Pessoal		Animal	
Cabos	Corneteiros	Ferradores	Soldados	Praças desarmadas		Cavalos	Muares	Dromedários	Oficiais		Praças de pré
				1.ª linha	2.ª linha						
..	2
..
3	10	..
..	..	1
..	4
..	1	3	4
..	1
..	8	..
..	7
..	1
..	61	..
..	1	47	12	11
..	11
..	3	3	..
4	1	..	51	1	58	..
2	1	..	48	1	52	..
3	1	..	40	1	54	..
3	1	..	48	1	53	..
..	9	9	..
..	6	6	6
15	5	1	213	47	19	1	9	11	8	308	21
..	1
..	11	..
..	195	..

Coluna de operações ao Xinje e Lunda

Mapa das guarnições dos postos abaixo designados

DESIGNAÇÃO DOS POSTOS	GUARNIÇÕES													TOTAL DA GUARNIÇÃO	OBSERVAÇÕES	
	Artilharia						Infantaria						Soma			
	Sargentos	Cabos europeus	Soldados europeus	Soldados indígenas	Soma	Officiais	Sargentos	Cabos	Corneteiros	Soldados	Soma					
Catala.....	1	1	22	24	24	
Dala Quingua.....	1	1	21	23	23	
Cambo.....	9	10	10	
Quela.....	..	1	..	10	11	2	1	3	3	21	30	41	Um canhão de tiro rápido.
Cafuxi.....	1	1	1	14	16	16	
Quinzunzo.....	1	1	..	10	13	1	1	7	8	21	Um canhão de tiro rápido.
Nguangua.....	1	12	13	13	
Lui.....	1	2	1	1	2	2	1	28	33	35	Uma peça de 7 c. B. M. E. m/ 82.
Cabadangala.....	1	1	8	9	9	
Cuango.....	1	1	..	1	1	12	14	14	
Luremo.....	2	3	1	1	1	2	2	56	61	64	Uma peça de 7 c. B. M. E. m/ 82.
Mussuco.....	3	4	4	
Utunguila.....	1	1	10	12	12	
Cacuri.....	1	1	3	4	4	
Nzovo.....	1	1	12	14	14	
Huamba.....	1	1	2	1	30	35	35	

Relatório do Chefe dos Ser-
viços de Saúde da Coluna

Relatório apresentado por Alfredo Martins da Silva Borges, facultativo de primeira classe



No dia 12 de Janeiro recebia eu no Lucala uma nota urgente da Repartição de Saúde, ordenando-me que fizesse entrega de medicamentos e utensílios a meu cargo na brigada de construção do Caminho de Ferro de Malanje logo que se apresentasse o facultativo que me ia substituir, e seguisse para Malanje, sem perda de tempo, a apresentar-me a Sua Ex.^a o Governador do distrito da Lunda. Parti no dia imediato, chegando a Malanje a 17. Aí fiz uma requisição de medicamentos e utensílios de farmácia mais necessários, que foi imediatamente satisfeita, marchando logo para o Luremo, onde cheguei a 30 e onde tinha a sua sede ao tempo o Quartel General da coluna.

No dia 1 de Fevereiro tomava eu a direcção do serviço de saúde e requisitava diversos utensílios de enfermagem que eram necessários e indispensáveis e com os quais não pudera vir provido de Malanje, requisição esta que Sua Ex.^a o Governador prontamente mandou satisfazer. Aí vi alguns doentes — uns quatro feridos nos pés e estropiados, que não podiam seguir viagem, e uma praça europeia profundamente impaludada, que recolheu à enfermaria de Malanje.

No dia 2 deslocava-me com o Quartel General para Calungula. Na marcha para êste pôsto, durante os dias 2, 3, 4, 5, 6 e 7, nenhuma ocorrência importante se deu. Houve apenas umas passageiras manifestações de insolação em alguns soldados indigenas e indisposições gastro-intestinais em praças europeias, motivadas pela ingestão de cacau com leite, que depois se averiguou estar em fermentação.

No dia 8 de Fevereiro estava instalada a enfermaria — uma casa de pau a piquê, barreada e coberta a capim, como de resto são todas as casas àquem Luremo. Era uma casa velha, húmida, servindo de viveiro a mabatas e muitos outros insectos, hóspedes habituais de edifícios como êste, decrépitos e abandonados. Nenhum confôrto proporcionava aos doentes. Contudo, um pouco melhorada, era forçoso instalar ali a enfermaria. Na ocasião não se podia fazer coisa melhor. Nos primeiros dias depois da instalação foi relativamente elevado o número de baixas.

Durante os vinte dias do mês de Fevereiro que restavam, baixaram 34, dando uma média diária de 1,7. A 18 e 19 marcharam para leste fôrças do comando do Sr. tenente Carvalho e alferes Lopes da Silva. Com

elas foram pensos e medicamentos para qualquer aplicação urgente e naturalmente indicada para leigos, e mantas para improvisar tipoias — o meio mais cómodo de transporte de doentes em África —, nas quais fizessem recolher à enfermaria quaisquer praças que o necessitassem.

Pelo mapa de baixas e altas da enfermaria das praças cronologicamente feito melhor se poderá ajuizar do estado sanitário da coluna durante os meses de Fevereiro, Março, Abril e Maio. O movimento de doentes nestes três últimos meses desceu consideravelmente, havendo respectivamente 22, 23 e 11 baixas, o que dava uma média diária de 0,7, 0,7 e 0,3. Durante os quatro meses houve uma totalidade de 90 baixas, que constam do mapa seguinte :

Moléstias gerais

Febre intermitente quotidiana.....	4
Febre intermitente terçã (?)	5
Febre biliosa hemoglobinúrica.....	1
Anemia palustre insepiente	1
Anemia por anquilostomiase.....	2
Púrpura hemorrágica e encorbuto.....	2

Moléstias do sistema nervoso e órgão dos sentidos

Conjuntivite	2
Otite média com inflamação da trompa de Eustáquio.....	1

Moléstias do aparelho respiratório

Bronquite aguda e subaguda	4
Pneumonia lobar dupla	1
Plemodinia.....	1

Moléstias do aparelho digestivo

Embaraço gástrico	10
Diarreia	1
Auquilostomiase	6
Ténia e interocolite	1
Enteralgia não diagnosticada.....	1

Moléstias do aparelho genito urinário e anexos

Hematúria não diagnosticada.....	1
Blenorragia aguda.....	1

Moléstias do aparelho circulatório e linfático

Adnites	3
Epistaxes	1

Moléstias do aparelho locomotor

Reumatismo articular	1
Fadiga muscular	2
Reumatismo muscular	7
Estropiamento	1

Moléstias da pele e tecido celular

Abcessos	2
Adeno fleimão	1
Ulceras	3
Boubas e adnite	1
Sarna	4

Violências exteriores

Ferimentos nos pés	3
Ferimentos no dôrso da mão direita	1
Ferimentos na face anterior do torax 3.º espaço intercostal direito...	1
Ferimentos diversos nos membros inferiores	1
Contusão das nádegas	1
Conjuntivite traumática	1
Trite com hypopion	1
Edema por contusão	1
Moléstias simuladas	2

É preciso saber-se que a coluna, organizada em 21 de Janeiro no Lu-remo, era constituída por 310 praças e que últimamente, pela nota n.º 195, de Março, para o comando da 8.ª companhia, do Quartel General, eram dadas ordens para que fizesse baixar à enfermaria em Calungula qualquer praça àquem Cuango que porventura desse parte de doente. Juntando, pois, a êste número 90 praças que constituíam a guarnição dêsses postos, temos 410 praças com as quais determinaremos a percentagem de morbidade. Dêste número bruto separemos os europeus em número de 22. As baixas à enfermaria ou moléstias tratadas no quartel foram: europeus, 7; indígenas 86. Temos, portanto, uma percentagem de morbidade para os europeus de 33 0/0 e para os indígenas de 21,8 0/0. Aqueles pagaram um mais elevado tributo.

Vê-se, por êste mapa, que, apesar do estado sanitário das praças ter sido relativamente bom, nesta, como na generalidade das colunas de operações coloniais, mais teve que intervir o médico que o cirurgião, e que não houve uma entidade mórbida acentuadamente predominante.

Claro está que sem elementos de investigação de gabinete, a classificação acima é simplesmente clínica.

Citam-se, pelo número, entretanto, em primeiro lugar, os casos de infecção pelo hematozoário (12). Depois vem os casos de embaraço gástrico, alguns dos quais com movimento febril, e que o exame do sangue levaria

talvez a englobar no primeiro agrupamento, e curados pelos meios naturais de resistência orgânica. Vem em terceiro lugar os casos de reumatismo articular e muscular (9), e após estes, os de parasitas intestinais (6) e sarna (4), e a par dêstes os feridos em combate, que foram apenas 4:

O primeiro — Ferimentos no dôrso da mão direita. Baixou com considerável edema na mão e ferimento com arma de fogo no dôrso da mão, à altura do quarto metacarpiano, tendo havido destruição de tendões; era considerável já a supuração quando se apresentou. Os zagalotes haviam-se iluminado. A cura operou-se lentamente, ficando uma ligeira deformidade do quarto dedo, que se conservava em flexão por ter desaparecido a acção do músculo antagonista. Contudo, pela massagem conseguiu-se atenuá-la um pouco.

O segundo — Baixou com uma grande congestão do conjuntivo do olho esquerdo e do íris, contracção da pupila miosis e um derrame dum amarello claro por trás da íris. A conjuntivite desapareceu, mas subsiste a crite com hipopion (?) e amaurose.

O terceiro — Foi apenas um ligeiro ferimento no couro cabeludo, mal atingindo a pele de raspão.

O quarto — Ferida penetrante por arma de fogo, na face anterior do torax, à altura do terceiro espaço intercostal direito. Era um ferimento profundo, tendo atravessado as camadas musculares dos intercostais e penetrado ainda por um trajecto irregular na parte posterior da costela que ficava acima. A cicatrização correu muito morosamente, e êste ferido, que era um serviçal auxiliar retirou a 31 de Março, ainda não completamente curado.

Predominaram, pois, como se viu, nesta coluna moléstias cujo aparecimento procararei explicar.

Oficiais, praças europeias e indígenas vieram de diversos sítios, onde naturalmente contraíram a infecção do hematozoário, que, latente, se veio manifestar agora, aproveitando a menor resistência orgânica ocasionada por um exagêro de trabalho.

A distribuição da carne foi sempre feita bisemanalmente e compreende-se como ela ao terceiro dia deve já estar em decomposição, sobretudo nos meses de maior calor e humidade. A fuba distribuída que, como se sabe, é de mandioca, tem uma grande percentagem de substância lenhosa e cellulose não assimilável. Dai as perturbações do aparelho digestivo, que os menos fortes apresentaram. As moléstias intestinais de origem parasitária em indígenas são muito comuns e intuitivamente compreensíveis.

Os meses de Março e Abril são os das grandes chuvas nesta região; as molhas a que todos estavam sujeitos e que muitos sofreram, as variações rápidas de temperatura, o grau de humidade muitas vezes próximo da saturação, a falta de confôrto e agasalho em todas as habitações, são outras tantas circunstâncias inevitáveis que explicam os casos de reumatismo, bronquites, etc. É de justiça dizer que o mapa não aponta muitos casos que tiveram um tratamento abortivo e immediato, porque a nenhum europeu escasseou vontade de trabalhar, não obstante perturbações fisiológicas, felizmente em breve restabelecidas.

Os casos de sarna foram também em maior número do que o que se

registou, e tendiam a propagar-se se não fôsem ordenados com assiduidade banhos de limpeza, além doutros preceitos higiênicos.

Obituário

Desde 21 de Janeiro a 31 de Maio registaram-se apenas dois óbitos, sendo um de pneumonia lobar dupla, e outro, que não chegou a baixar à enfermaria, de moléstia não diagnosticada.

Foi, pois, insignificante a cifra obituária.

Solípedes e camelos

Á falta de veterinário na coluna, estiveram os solípedes e camelos quando doentes sob os cuidados do enfermeiro e facultativo. Nas muares, diversos abcessos se formaram, que foram abertos e devidamente pensados. Um cavalo, devido às chuvas que apanhou na viagem do Luremo para Calungula, desde 5 de Fevereiro que sofre de reumatismo muscular, que se agravou durante uns dias que deixou de tomar o iodeto de potássio, melhorando mais tarde quando, se recommçou a ministrar-lhe o iodeto de potássio na dose diária de dez gramas e ácido arsenioso na dose dum grama. Êste cavalo, ainda muito emagrecido, retirou já para Malanje. Dos solípedes morreu uma muar que, pela autópsia, se reconheceu apresentar abcessos purulentos nos rins, pericardite com derrame abundante e congestão do pulmão esquerdo. As vísceras do gado abatido para a coluna tem sido inspeccionadas e apenas—sendo vulgar—se tem encontrado ténias nos canais biliares e um ou dois casos com congestão pulmonar ligeira e quistos hepáticos. Nenhum pulmão com lesões macroscópicas de tuberculose foi encontrado. O gado abatido pela coluna pôde sempre, pois, reputar-se bom.

Pelo mapa abaixo vê-se que o clima de Calungula é quente e de temperatura variável, estando, contudo, na transição para o clima quente e marítimo. A sua variedade máxima térmica é apenas nos meses referidos 11°,5.

Temperaturas observados em Calungula desde 24 de Março a 31 de Maio

Dias	Manhã	1 hora da tarde	6 horas da tarde
Março			
24.....	22,2	21,5	19,5
25.....	19,5	24	23,8
26.....	20,5	25	22
27.....	19,5	23	21
28.....	20	24,5	20
29.....	19,8	21,8	22,0
30.....	18	23	22,5
31.....	20	20	18,5

Dias	Manhã	1 hora da tarde	6 horas da tarde
Abril			
1.....	19	27	22
8.....	19	26	21,5
9.....	19,5	26	23
10.....	20,2	26	24
11.....	19,5	27,8	23,6
12.....	19,5	27,8	23,6
13.....	19,5	26,5	22,8
14.....	20	27,5	24
15.....	20,5	26	23
17.....	20,0	27	21
18.....	19,5	22,5	19,5
19.....	21	26	22
20.....	20	24	22
21.....	20,5	26,6	22
22.....	20	25	23,5
23.....	19	26,8	23
24.....	19	23	21
25.....	21	23	21
28.....	20	26	23
29.....	20	25,8	21
30.....	21	25,8	22,5

Mai			
1.....	20	28	22,5
2.....	20	27,5	23
3.....	20	26	22
4.....	20	26	23
5.....	20	26	23,5
6.....	20	27	23,5
7.....	21,5	29	23,5
8.....	20	29	23
9.....	19,8	29	23
10.....	20	29,5	23
11.....	20,5	29	24
12.....	18	27	22
13.....	19	27,5	23
14.....	19	27	23
15.....	19	27,5	23
16.....	20,2	27,5	25
17.....	20,2	29	23,5
18.....	21,5	29	23
19.....	20,5	28,5	23,8
20.....	20	28,5	24
21.....	20	29,5	24
22.....	20	27,5	23
23.....	21	25,8	21
24.....	20,5	27,5	23,5
25.....	19	29	23,5
26.....	18,6	29	23,5
27.....	20	28	23,5
28.....	19,5	27	23,5
30.....	21	26,5	23
31.....	21	26,5	23

Temperatura máxima, da 1 hora para as 2 da tarde : 29°,5; e mínima, às 5 horas da manhã, 18°.

Temperaturas médias observadas em Março, respectivamente : 19°,8, 22°,8 e 21°,8; em Abril : 19°,8 25°,8 e 21°,4; em Maio : 19°,9, 27°,4, e 23°,2.

A curva temperatural que em Maio passa dia a dia com regularidade, nos meses de maiores chuvas, Março e Abril, quando estas caíam mais tempestuosamente, apresentava quedas rápidas, chegando a marcar ao meio dia e 1 hora a mesma temperatura que tinha marcado de manhã.

A sua altitude (onde está montado o pôsto) é de 1:130 metros.

O grau de humidade, elevado no tempo das chuvas, desce consideravelmente nos meses do cacimbo. Os ventos predominantes vem do sul e sudoeste. Os terrenos são de natureza argilo-cilico ferruginosa, são dum amarelo claro relativamente permiáveis, excepto nas partes baixas, confluências de riachos onde se torna um pouco trufoso. Dão-se ou devem dar-se em geral bem nesta região todas as culturas europeias.

A cana sacarina, se não toma o desenvolvimento rápido de regiões mais quentes e com o solo de mais profunda camada de húmus, dá-se bem, tomando um regular desenvolvimento. Sob êste ponto de vista, o hinterland de Loanda está acima do duma grande parte de Mossâmedes e de Benguela, onde a temperatura, descendo, por vezes, a 5°, queima a cana diminuindo consideravelmente o *quantum* da produção de açúcar e, portanto, de álcool.

As águas são leves, límpidas e sem cheiro. Outras há, porêm, que são menos claras, deixando no terreno por onde passam uma côr um pouco amarelada, com reflexos metálicos. Por ebulição deixam um resíduo amarelo. Tem um ligeiro sabor stiptico e parecem ter efeitos diuréticos. Presumo que sejam ferruginosas e muito conviria que fôssem analisadas na presunção de encontrar outros elementos.

Nesta região colhi diversos e curiosos exemplares de insectos, mosquitos de formas e côres variadas de diversos géneros, que ulteriormente serão classificados, mas nenhum dos quais pertence ao género anofelis. Não há duvida, pois, que esta região é uma das mais salubres do distrito, prestando-se por estas múltiplas circunstâncias para a colonização europeia, sendo aqui espontânea a planta arbusto que produz a borracha, sobretudo nas clareiras onde o terreno é predominantemente arenoso : de supor é que lhe esteja reservado um largo futuro, se mudarmos de rumo, promovendo a multiplicação dêste arbusto, etc.

A população europeia àquem Cuango que, em 1901, era de oito pessoas, apenas homens adultos estabelecidos no Luremo,—na ocasião do ataque do Calungula ao pôsto militar, em 11 de Dezembro de 1905, elevava-se a cinqüenta e sete, disseminados pela região entre Cuango e Cuengo, isto é, era quasi oito vezes maior quatro anos depois. Claro está que êste aumento populacional pouco ou nada diz em favor da salubridade regional, porque se trata apenas de imigrantes. Mostra, contudo, que a região é relativamente rica, e sobre as suas condições sanitárias, se não fôsse já bastante o que fica dito, o mapa dos doentes europeus civis tratados na região durante estes últimos quatro meses viria comprovar as suas excelentes condições sanitárias.

O pôsto do Calungula, recentemente montado, está numa esplanada, frente voltada para norte e noroeste, é de forma circular, tendo quinze metros de raio.

O terreno é um pouco inclinado para leste, oeste e norte, sendo o pôsto um pouco abrigado do sul por uma pequena elevação e de leste por terrenos mais acidentados. Para norte e noroeste há uma larga bacia circundada de diversas elevações. O local dêste pôsto foi escolhido e muito bem por Sua Ex.^a o Governador, pois tem a recomendá-lo não só a natureza do terreno mas também a circunstância de estar um pouco abrigado dos ventos predominantes. Foi recentemente montado outro pôsto em Camaxilo, que deve estar em boas condições estratégicas e talvez sanitárias, mas para a escolha do seu local não foi ouvido o facultativo da coluna.

Agora que está terminada a campanha, na hipótese de ficar enfermeiro em Calungula, apresento um modesto projecto para a construção duma enfermaria à aprovação de Sua Ex.^a o Governador, que certamente não deixará de dotar o serviço de saúde com um melhoramento que eu já há mais tempo teria solicitado se não reconhecesse haver outros trabalhos de mais inadiável necessidade.

A enfermaria deve ser construída a norte do reduto, com frente para a rua que vai do reduto à povoação, ficando assim num sítio relativamente elevado e varrido por ventos que não vão depois prejudicar centros de população segundo os preceitos higiénicos recomendados.

Se Sua Ex.^a se dignar aprovar o adjunto projecto, o enfermeiro J. P. de Matos tomará a seu cargo a direcção da sua execução.

Alguns utensílios de farmácia e enfermagem que vieram de Malanje, do Quela e adquiridos no comércio local por serem de urgente necessidade, deverão, por serem indispensáveis, ficar na carga do pôsto, sob a responsabilidade do enfermeiro. Apenas poderão voltar para Malanje seis cobertores de papa e uma caixa de cirurgia que, por empréstimo, trouxe da Delegação de Saúde de Malanje.

Os medicamentos vendidos ao público durante as operações renderam 45.7815 réis, verba esta que autoriza uma grande parte da despesa extraordinária indispensável que foi preciso fazer com o serviço de saúde. No mês de Junho o movimento de doentes que já era diminuto no anterior decresceu consideravelmente.

Havia em tratamento do mês anterior 2, entraram 6, saíram curados 5, faleceu 1, ficam 2. Houve pois 6 baixas durante o mês, menos 5 portanto que no mês anterior, e destas três casos de moléstias banais sómente pertenciam à coluna. O estado sanitário foi pois óptimo, como de resto é excelente o aspecto geral das praças que a compõem. Cumpre-me a propósito registrar que as praças dêste distrito são aproveitadas em todos os serviços: de construções de granjas, aberturas de caminhos, pontes, etc., sem prejuízo julgo da educação propriamente militar de que estas são susceptíveis, circunstância esta de trabalho contínuo sob o ponto de vista educativo de sobriedade e disciplina assás apreciável.

Os casos tratados foram:

Moléstias gerais

Anemia insepiente — 2.

Moléstias do aparelho digestivo

Embaraço gástrico — 1.

Moléstias do aparelho circulatório

Pericardite reumatisal — 1.

Moléstias da pele e tecido celular subcutâneo

Sarna — 1.

Ulceras — 1.

Durante o mês seguiram para Malanje dois oficiais, com o fim de serem tratados naquela localidade.

Obituário 1, sendo a causa da morte febres palustres, forma cerebral indicado no mapa do mês antecedente.



Considerações finais

Vimos que a região é salubre e que tem condições de progresso. ¿É rica? Não me parece.

Demograficamente é pobre. A população é pouco densa. As sanzalas são muito distanciadas e em geral tem pouca gente e duma média de robustez mediocre.

Daqui a sua produção relativamente insignificante. O sobado mais importante da região não sustenta duas ou três feitorias comerciais. Se não fôra a borracha que trazem os quiôcos e outros povos de leste, aquelas teriam que fechar. Outros recursos locais não há.

No interior de Benguela ou Mossâmêdes, sobas de alguma importância vão cumprimentar o chefe do concelho e levam-lhe pelo menos uma cabeça de gado bovino. Nesta região, se levam ao Governador uma quinda de fuba ou um cabrito, já isso representa um bom presente.

Uma galinha custa aqui 900 a 1\$200 réis, e um cabrito nem cotação tem, tal é a estima em que é tido pelo seu possuidor. Outra criação não existe. A cultura predominante é a mandioca e a fuba, que ainda assim é vendida ao preço de 200 a 300 réis o quilo. Daqui se ajuíza quanto a vida é cara em recursos locais para europeus que vem para esta região.

Agora vejamos os preços dos géneros feitos pelas casas do Luremo às suas dependências em Calungula, por exemplo, preços dos géneros que são para venda e para consumo da casa :

Arroz — quilo, 750.

Açúcar — quilo, 950.

Toucinho — quilo, 1\$300.

Manteiga — quilo, 2\$550.

Vinho — litro, 900.	Grão — quilo, 750.
Vinagre — litro, 900.	Massa — quilo, 1\$250.
Azeite — litro, 920.	Sardinhas em latas (pequenas)—lata, 250.
Bacalhau — quilo, 1\$150.	Ervilha — lata de 0,250, 550.
Banha — quilo, 1\$350.	Bolacha — quilo, 1\$150.
Chouriço — quilo, 1\$650.	Petróleo — litro, 850.
Chá — quilo, 5\$400.	Sal — quilo, 700.
Café em grão — quilo, 750.	Farinha — quilo, 950.
Atum em salmoura—quilo, 1\$450.	

Tomemos agora uma tabela de rancho ou uma tabela de dietas—a do Hospital Colonial de Lisboa, para inferiores, que fornece uma alimentação boa para doentes, mas talvez deficiente para um homem que tem trabalhos um pouco violentos e vivendo em regiões tropicais.

Almôço

Manteiga, 0,030.	Açúcar, 0,030.
Carne, 0,150	Pão, 0,125.
Café, 0,015.	

Jantar

Massa, 0,050.	Toucinho, 0,025.
Hortaliça, 0,100.	

2.º prato

Peixe, 0,200.	Vinagre, 0,002
Azeite, 0,05.	Pão, 0,250.

3.º prato

Carne assada, 0,150.	Calda de tomate, 0,015.
Batata, 0,080.	Pimenta, 0,002.
Banha, 0,025.	Sal, 0,025.

Ceia

Chá, 0,005.	Manteiga, 0,015.
Açúcar, 0,030.	Pão, 0,125.

Preço dêstes géneros por dia e por cada indivíduo em Calungula, 1:450 réis, excluindo ainda hortaliça, calda de tomate e pimenta. Dispensa comentários a eloquência dêstes algarismos.

A Suas Ex.^{as} o Governador do distrito e da província, que tam bem conhecem e compreendem quanto deve ser insuficiente a alimentação das praças europeias isoladas no interior por falta material de recursos, seria injurioso lembrar a vantagem sanitária e um aumento de trabalho que naturalmente adviria da melhoria da sua situação.

Finalmente, antes de terminar êste relatório, é dever exarar aqui o meu reconhecimento a Sua Ex.^a o Governador do distrito da Lunda pelos favores que me dispensou e boa cooperação para o regular desempenho do serviço que me foi cometido.

Seria injustiça e ingratidão da minha parte não registrar também o dedicado auxílio que me prestou o sr. dr. Cassiano Barbosa, delegado de saúde em Malanje, satisfazendo com a maior prontidão e zêlo todas as minhas requisições e ao enfermeiro de segunda classe Jacinto Porfírio de Matos as suas excelentes qualidades de trabalho, desvelo, dedicação e honestidade profissional.



